



**UEPB**

Universidade Estadual da Paraíba  
Campus I – Campina Grande/PB  
Centro de Educação  
Departamento de Geografia  
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

**MÁRCIO ROGÉRIO DOS SANTOS PEREIRA**

**OS BASTIDORES DA QUADRILHA JUNINA MOLEKA 100 VERGONHA:  
uma atividade cultural de caráter profissionalizante**

Campina Grande – PB  
2019

**MÁRCIO ROGÉRIO DOS SANTOS PEREIRA**

**OS BASTIDORES DA QUADRILHA JUNINA MOLEKA 100 VERGONHA:  
uma atividade cultural de caráter profissionalizante**

Campina Grande – PB  
2019

**MÁRCIO ROGÉRIO DOS SANTOS PEREIRA**

**OS BASTIDORES DA QUADRILHA JUNINA MOLEKA 100 VERGONHA:  
uma atividade cultural de caráter profissionalizante**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Aretuza Candeia de Melo

Campina Grande – PB  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

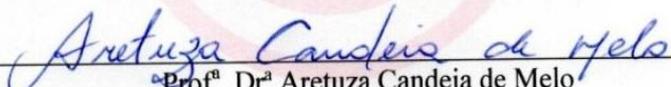
P436b Pereira, Marcio Rogerio dos Santos.  
Os bastidores da quadrilha junina Moleka 100 Vergonha [manuscrito] : uma atividade cultural de caráter profissionalizante / Marcio Rogerio dos Santos Pereira. - 2019.  
63 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Aretuza Candeia de Melo, Departamento de Geografia - CEDUC."  
1. Quadrilha junina. 2. Tradição cultural. 3. Cultura nordestina. 4. Atividade cultural. 5. Folclore. I. Título  
21. ed. CDD 306

**MÁRCIO ROGÉRIO DOS SANTOS PEREIRA**

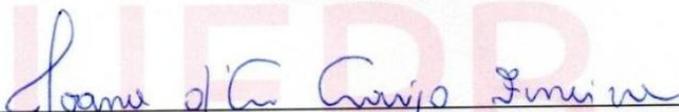
**OS BASTIDORES DA QUADRILHA JUNINA MOLEKA 100 VERGONHA: a logística  
de uma atividade cultural de caráter profissionalizante**

Aprovada em 04 de Junho de 2019.

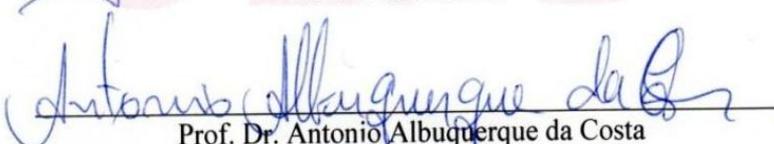
BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Aretuza Candeia de Melo

**Orientadora**

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Joana d'Arc Araújo Ferreira

**1º Examinador**

  
Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa

**2º Examinador**

*Vendo assim minha gente,  
Feliz e toda contente,  
Nasce um desejo profundo...  
Hei de fazer em Campina  
O Maior São João do Mundo.  
(Poeta Ronaldo Cunha Lima)*

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia e meu socorro presente na hora da angústia. Dedico também a minha família, em especial aos meus pais, Sr. José Carlos Pereira e a Sr<sup>a</sup>. Maria de Fátima dos S. Pereira, como também a minha irmã, Carla Roberta dos S. Pereira, além dos meus amigos de forma geral, que sempre estão ao meu lado, acompanhando minhas conquistas e vitórias, e por fim, dedico à UEPB e todo o seu corpo docente, por proporcionar grandes aprendizados em minha vida.*

*Meu muito obrigado!*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato mais belo para demonstrar a gratidão que possuímos com aqueles que de maneira direta ou indireta, foram responsáveis na construção de nossas conquistas, tornando-se indispensáveis em nossas vidas. Por isso, neste momento, quero demonstrar toda a forma de carinho, por todos os que tiveram ao meu lado, desfrutando de momentos distintos, mas fundamentais para ser guardados em meu coração.

Agradeço primeiramente ao meu bom pastor. *Senhor Deus*, Pai de Misericórdia, que se faz presente em minha vida, por meio da Sagrada Eucaristia. Sei o quanto lutas por mim, e está sempre ao meu lado, fazendo com que eu não desista da minha caminhada. Não é fácil, mais sei que estais comigo e juntos vamos concluir mais essa vitória. Obrigado pelas providências alcançadas, meu testemunho de fé, e exemplo de cristão que ama a Deus. A Ti Senhor, minha eterna gratidão. Há você *Maria, Virgem Santíssima*, mãe do meu Salvador e minha, por ser exemplo de mulher, protetora da família, agradeço pelos os dias que me peguei aos teus pés, e alcancei graças que foram fundamentais no meu caminhar. Intercedo por mais esse momento, junto ao teu Filho, meu amado Senhor Jesus Cristo, que esse seja apenas o começo de várias conquistas que há por vir. Amém!

Há vocês *meus pais*, que estão felizes pelo simples fato de ver o sonho que era de vocês, tornarem-se realidade pelas mãos do teu filho. O primeiro da família a ter uma Graduação de Ensino Superior. Meu amor por vocês é incondicional, e ser exemplo de orgulho me deixa feliz, é desta forma que agradeço a vocês dois, pelo fato de me amar, e tudo o que eu fizer para agradecer, será pequeno demais comparado ao amor que venho recebendo todo esse tempo, desde o ventre da minha amada mãe. Sei o quanto vocês não mediram esforços para que seus filhos fossem exemplos de humanidade, tudo o que sou hoje, se faz reflexo de todo o cuidado que recebi e recebo. O meu sentimento transborda em lágrimas, o amor e afeto pelas pessoas que mais amo nessa vida. Meus pais, meu eterno obrigado.

Agradeço pela oportunidade de trocar conhecimentos com meus professores e amigos de curso, os qual levarei comigo em um gesto de gratidão, pois nesses anos de graduação, conheci pessoas maravilhosas, e quero prosseguir com elas, nas conquistas futuras. Minha orientadora, *Profª Drª Aretuza Candeia de Melo*, meu muito obrigado por aceitar a se aventurar comigo na realização desse projeto. Adoro-te muito, não poderia lhe deixar de fora dessa homenagem.

E por fim, agradeço a todos os que me ajudaram na construção desse sonho, em especial, toda a *Família Moleka 100 Vergonha*, que acreditou no meu potencial, e valorizou o meu trabalho, proporcionando uma oportunidade única em minha vida, onde deixarei eternizado para leitores futuros, como forma de carinho de se trabalhar com aquilo que você ama.

Deus é bom o tempo todo, e o tempo todo, Deus é bom!

## RESUMO

As quadrilhas juninas são consideradas um dos principais produtos no que se diz respeito ao processo turístico, inseridos no mercado junino da Região Nordeste e de outros estados do Brasil. Entre outras tradições culturais, as quadrilhas passaram por uma sequência de transformação, e essas atualmente exercem uma nova função. A partir das modificações derivadas do pós-modernismo mais precisamente. Partindo desse pressuposto, a Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, torna-se objeto de investigação deste trabalho, localizado no Bairro das Malvinas, na Cidade de Campina Grande-PB, na Mesorregião do Agreste Paraibano. O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento sobre os bastidores da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, numa perspectiva da atividade cultural de caráter profissionalizante. Transformando e melhorando os ambientes na construção e valorização cidadã, por meio da geração de emprego e renda, através dos benefícios da cultura presente. Para a realização da análise dos resultados e discussão, a metodologia empregada constitui-se por uma abordagem investigativa atrelada ao método fenomenológico de Edmund Husserl, no qual o estudo de um conjunto de fenômenos se manifesta, seja através do tempo ou do espaço geográfico. Esse método fenomenológico retrata a vivência lógica e dos atos pelos quais são constituídos os seus objetos de estudo. Assim, os procedimentos desta pesquisa foram sugeridos pelo levantamento teórico, pesquisa de campo e aplicação de entrevistas semiestruturadas com os representantes e o corpo instrumental da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha. Diante dos resultados, evidencia-se que a Quadrilha Junina, se apresenta como um meio de geração de renda e de trabalho, não só em determinado época do ano, em que ocorre o maior número de apresentações e eventos, mas no decorrer de todo o ano, tendo em vista que a mesma oferece meios de capacitação profissional a seus integrantes, introduzindo-os como profissionais em vários cargos do terceiro setor da economia. Desta forma, fica claro que tanto os quadrilheiros, como o próprio grupo folclórico, são os principais influenciadores da composição do mercado junino, voltados principalmente, aos meios de produção, possuindo mecanismos capazes de exercer um papel profissional.

**Palavras chave:** Quadrilha junina. Tradição cultural. Cultura nordestina. Atividade cultural. Folclore.

## ABSTRACT

The junine gangs are considered one of the main products in relation to the touristic process, inserted in the junine market of the Northeast region and other states of Brazil. Among other cultural traditions, gangs have undergone a sequence of transformation, and these currently exert a new function. From the modifications derived from postmodernism more precisely. Party to this assumption, the Junina Moleka Gang 100 Shame, becomes the object of investigation of this work, located in the neighborhood of Malvinas, in the city of Campina Grande-PB, in the mesoregion of Agreste Paraibano. The present work aimed to carry out a survey on the backstage of the Junina Moleka 100 gang Shame, in a perspective of the cultural activity of professionalizing character. Transforming and improving the environments in the construction and valuation of citizens, through the generation of employment and income, through the benefits of the present culture. To perform the analysis of the results and discussion, the methodology employed constitutes an investigative approach linked to the phenomenological method of Edmund Husserl, in which the study of a set of phenomena manifests itself, either through time or geographic space. This phenomenological method depicts the logical experience and the acts by which their objects of study are constituted. Thus, the procedures of this research were suggested by the theoretical survey, field research and application of semi-structured interviews with the representatives and the instrumental body of the Junina Moleka 100 gang shame. In view of the results, it is evident that the Junina gang, presents itself as a means of generating income and work, not only at a certain time of the year, in which there is a greater number of presentations and events, but throughout the year, considering that the same of Means of professional training to its members, introducing them as professionals in various positions of the third sector of the economy. Thus, it is clear that both the quadrillion and the folkloric group are the main influators of the composition of the Junino market, mainly focused on the means of production, possessing mechanisms capable of playing a role professional.

**Keywords:** Junkin quadrille. Cultural tradition. Northeastern culture. Cultural activity. Folklore.

## LISTA DE SIGLAS

AQUAJU	Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande e Região
CD	Compact Disc
CEHAP	Companhia Estadual de Habitação Popular
CONAQJ	Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas
CO <sub>2</sub>	Dióxido de Carbono
FEQUAJUNE-PB	Federação das Entidades de Quadrilhas Juninas da Paraíba
FICART	Fundo de Investimento Cultural e Artístico
FNC	Fundo Nacional da Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros.
LTDA	Sociedade Empresarial de Responsabilidade Limitada
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura
PIB	Produto Interno Bruto
PMCG	Prefeitura Municipal de Campina Grande/PB
Pronac	Programa Nacional de Apoio à Cultura
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UNEJ	União Nordestina de Quadrilhas Juninas
WC	Water Closet

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeira edição do São João de Campina Grande em 1983.....	20
Figura 2 - Início da construção da Pirâmide do Parque do Povo.....	22
Figura 3 - Barracas com comidas e bebidas.....	22
Figura 4 - Quadrilha Junina Tradicional.....	28
Figura 5 - Quadrilha Junina Estilizada.....	28
Figura 6 - Localização da Sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha no Bairro das Malvinas no Município de Campina Grande-PB.....	30
Figura 7 - Banner da Junina no ano de 2010.....	35
Figura 8 - Apresentação da Junina Moleka em 2011.....	36
Figura 9 - Junina Moleka 100 Vergonha, apresentação de 2012.....	36
Figura 10 - Junina Moleka no Parque do Povo em 2013.....	37
Figura 11 - Enredo sol e chuva, casamento de viúva, em 2014.....	37
Figura 12 - Casal de Noivos.....	37
Figura 13 - Moleka é Campeã Brasileira pela primeira vez.....	38
Figura 14 - Não te assombres.....	38
Figura 15 - Ilu Ayê enredo de 2017.....	39
Figura 16 - Junina Moleka no Concurso de Quadrilhas Juninas de Campina Grande-PB....	39
Figura 17 - Alguns de seus Principais Troféus.....	40
Figura 18 - Logomarca da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha.....	43
Figura 19 - Construção da Sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha.....	46
Figura 20 - Ensaios na Sede da Quadrilha.....	47
Figura 21 - Cangaço da Moleka 100 Vergonha.....	49
Figura 22 - Rainha é erguida por um elevador criado pela equipe da Quadrilha.....	50
Figura 23 - Croqui da Vestimenta Masculina e Feminina do ano de 2017.....	52
Figura 24 - Designer Artesanal no Detalhe das Vestimentas.....	53
Figura 25 - Maquiagem do Corpo Teatral em 2014.....	54
Figura 26 - Grupo Musical da Junina Moleka.....	56

Figura 27 - Corpo Teatral da Junina Moleka.....	57
Figura 28 - Alegoria Cinematográfica de uma Procissão.....	57
Figura 29 - Ajustes em Equipamentos Elétricos.....	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
1.1 Geografia Cultural: abordagem contextual e conceitual.....	16
1.2 Conceito de Festas Juninas na Perspectiva do Local.....	20
1.3 Cultura Popular na Perspectiva Dinâmica das Quadrilhas Juninas.....	25
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO</b> .....	30
2.1 Localização Geográfica.....	30
2.2 Processo Histórico.....	31
2.3 Dinâmica Populacional.....	31
2.4 Estrutura Econômica.....	32
2.5 Aspectos Culturais.....	32
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: Representações e Processos de Produção Cultural da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha</b> .....	34
3.1 Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha: origem e evolução.....	34
3.2 Importância da Moleka 100 Vergonha como Quadrilha Junina na Representação do Estado da Paraíba.....	40
3.3 Dinâmicas Culturais da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha na Perspectiva dos Quadrilheiros.....	45
3.4 Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha de Caráter Profissionalizante.....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APÊNDICES</b>	

## INTRODUÇÃO

O trabalho exposto parte da interação e compreensão do Mundo Junino, a partir do trabalho realizado nas quadrilhas juninas, a qual se destaca aqui a Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, como principal fonte para a elaboração dessa pesquisa. Uma reflexão voltada para o estudo de um grupo folclórico de função profissionalizante que possui referências voltadas às manifestações folclóricas, o seu grande potencial e como um dos principais produtos turísticos do Estado da Paraíba, tem sua parcela de responsabilidade na formação de profissionais e geração de emprego e renda para a Cidade de Campina Grande-PB, nos meses que antecede os festejos juninos até o período do mesmo.

Seguindo essas tradições, pode-se dizer que este trabalho tem por objetivo, uma avaliação do arranjo produtivo gerado por uma quadrilha junina e como esses processos impactam o grupo participante a partir de uma abordagem sociocultural e econômico. Estabelecendo a teia de relações que ocorre entre os responsáveis pela elaboração do espetáculo e a comunidade, até mesmo, a própria cidade.

Justifica-se em mostrar o papel econômico e social derivado de um grupo folclórico, as transformações ocorridas na vida dos componentes da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, e como a sociedade pode se beneficiar da mesma. Neste caso, o estudo baseia-se a partir das transformações socioeconômicas, buscando compreender os fenômenos sociais, culturais e geográficos que ocorrem nesse lugar. A partir do incentivo de uma atividade cultural para proporcionar a sociedade geração de lucratividade. Partindo da problemática de como um grupo junino pode transformar a vida dos seus membros, e a relevância dos mesmos em se beneficiar perante a sociedade na transformação de cunho cidadã.

A partir dessa temática estabelecida, determinam-se os procedimentos metodológicos e os aspectos que foram considerados relevantes para tal pesquisa. Primeiro, a relevância em dimensionar o espaço socioeconômico a partir de estudos geográficos como uma leitura da temática abordada. Segundo, uma visibilidade perante as pessoas que frequentam o espaço da pesquisa. Terceiro, contribuir localmente, com uma produção e perspectiva de pesquisa sobre Geografia Urbana, Econômica e Cultural, enfocando o âmbito do desenvolvimento gerado para o bairro, a partir de um grupo folclórico.

A metodologia possui uma abordagem considerada adequada para a investigação mediante ao espaço, suas relações, processos e fenômenos, obtido pelo método fenomenológico de coleta de dados com a observação direta, utilizando como técnica a análise fotográfica juntamente com o uso de relatos da população. O método fenomenológico, segundo Edmund Husserl (s/d) apud Guedes (2017, p.1) significa o:

Estudo de um conjunto de fenômenos e como se manifestam, seja através do tempo ou do espaço geográfico. É uma matéria que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo. É uma metodologia e corrente filosófica que afirma a importância dos fenômenos da consciência, os quais devem ser estudados em si mesmos – tudo que podemos saber do mundo resume-se a esses fenômenos, a esses objetos ideais que existem na mente, cada um designado por uma palavra que representa a sua essência, sua "significação". Os objetos da Fenomenologia são dados absolutos apreendidos em intuição pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos (*noesis*) e as entidades objetivas que correspondem a elas (*noema*). Tratou-as como uma fenomenologia da vivência lógica e dos atos pelos quais são constituídos os seus objetos. Nas pesquisas lógicas estudou os objetos ideais, as categorias e os atos cognitivos principais. Portanto, tratou da constituição dos objetos ideais.

Desta forma, a um desafio em investigar os elementos citados, através dos estudos espaciais geográficos/temporais e as transformações socioeconômicas e culturais por eles produzidos no Bairro das Malvinas, em Campina Grande-PB, a partir do caráter público do espaço urbano, obtendo elementos fundamentais para esta averiguação que constituem a pesquisa por meio de relatos e experiências no local.

Partindo do pressuposto de que um evento artístico e cultural impacta economicamente um determinado local, transformando e melhorando aquele ambiente na construção e valorização do cidadão por meio da implementação de emprego e renda gerada através dos benefícios da cultura ali presente, incluindo nessa comunidade oportunidades que provavelmente fazem uma diferença para aqueles que ali estão inseridos.

A abordagem metodológica constituinte da pesquisa se estabelece em momentos distintos de estudos, entretanto, relacionados entre si. Na *primeira etapa* ocorre a leitura teórica que possibilita a pesquisa bibliográfica sobre o tema, tendo em vista a compreensão sobre a dinâmica do espaço socioeconômico. Na *segunda etapa*, ocorre a pesquisa de campo e observação, sendo dividida por etapas de leitura de campo, com a visitação do espaço e do Bairro das Malvinas, realizando um estudo através da verificação dos mesmos, além do uso da entrevista para melhor entendimento. Para tanto, além das fontes primárias, pode-se considerar como documentos, fotos registradas e entrevistas obtidas pelo pesquisador, pois irá ajudar a compreender a contextualização da pesquisa.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 Geografia Cultural: abordagem contextual e conceitual

A Geografia Cultural teve sua origem marcada pelos povos gregos, como disciplina delineou-se pelas diferenciações regionais no cruzamento entre a Europa, Ásia, Oriente Médio e a África, emergiu com os antigos geógrafos como Ptolomeu e Estrabão. Buscando descrever e analisar as formas de linguagem, religião, artes, crenças, economia, governo, trabalho e outros fenômenos culturais variam ou permanecem constantes, de um lugar para outro e na explicação de como os humanos comportam no espaço geográfico (INGRDS, 2014).

Assim, *a Geografia Cultural passou a destacar os aspectos materiais das culturas, o vestuário, o habitat, os utensílios e as técnicas, ou seja, pretendia analisar os modos de existência dos grupos humanos* (ALVES & ALVES, 2008, p. 1). Portanto, a Geografia Cultural Contemporânea também teve sua origem na Europa entre o final do Século XIX e início do Século XX, segundo Claval (2003). Este ressaltou uma Geografia pensada como ciência, a fim de intervir nos conceitos de uma nova identidade.

Claval (2002) ainda afirma que, a Alemanha e França foram às precursoras no desencadeamento dessa ciência, que estariam interligadas ao positivismo e o historicismo, que posteriormente, adentrou nos Estados Unidos da América, no ano de 1925. O destaque dessa ciência nos Estados Unidos ocorreu em meados do século XX, principalmente ao norte do país, quando se falava e estudava a Geografia Cultural proposto por Carl Sauer (1925). Muitos dos conteúdos destacados por Sauer estavam correlacionados a história da cultura no espaço, paisagem cultural e ecologia cultural entre outros (ROSENDAHL; CORRÊA, 1999).

A partir dos estudos e análises realizadas por Carl Sauer, que foi o primeiro geógrafo americano a se dedicar ao estudo da cultura na Geografia, muitos geógrafos brasileiros seguiram seus conhecimentos tais como Roberto Lobato Corrêa, Manuel Correia de Andrade, Zeny Rosendahl, entre outros, arremessaram-se sobre temas da Geografia Cultural, tanto no âmbito dos estudos regionais, nacionais e internacionais, nos quais estes passaram a fornecer uma moldura para a compreensão dos estudos, análises, elementos, espacialidade, temporalidade e os modos de vida cultural da Geografia Cultural brasileira e mundial.

Observa-se assim, uma visão holística de ver, analisar, observar e interpretar as novas formas da realidade vivenciada pela Geografia Cultural. Sob o prisma dos autores acima citados, *claro que cada um com uma forma de ver, de pensar, de descrever e expor temas e assuntos presentes em nosso cotidiano* (ALVES & ALVES, 2008, p. 3).

Portanto, o conceito de cultura é retratado por Corrêa (2009) como a derivação de um polissêmico possuidor de diversas acepções, isto implica em dizer que o termo se funde a

transformação do espaço ao longo do tempo, possuindo conotações capazes de interagir por meio histórico, e também por metodologias estruturadas de diferentes formas. Já para Sauer (1998), *a Geografia Cultural é a ciência da observação de campo e descrição que pode ser representada cartograficamente*.

Com base nos conceitos acima, pode-se dizer que a Geografia Cultural se estabelece em várias especialidades, que estão interligadas as principais categorias geográficas, que vai da paisagem até o lugar. Com isso, haverá uma ligação homem *versus* natureza, que remete ao envolvimento do mesmo no espaço em que ele está inserido. Isto implica dizer que o indivíduo busca está sempre em constante harmonia com a natureza, que é a partir dela que ele estabelece relações favoráveis de condições de vida até mesmo de desenvolvimento simbólico. Diante desta aproximação forte com a natureza, Zanatta (2008, p. 253) diz que a:

[...] Paisagem, um dos conceitos mais antigos da Geografia, foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães e franceses na perspectiva cultural. Nessa abordagem, era privilegiada a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelo homem de forma a modificar o ambiente natural visando torná-lo mais produtivo. Tal postura se explica pelo fato de que, nessa época, a epistemologia da Geografia era de inspiração naturalista ou positivista. Conseqüentemente, os geógrafos desse período não puderam dar à cultura seu devido papel na explicação dos problemas geográficos.

A Geografia cultural passou a ser vista como um sub-ramo da Geografia voltada para o campo da Geografia Humana que estuda os produtos e normas culturais e suas variações através dos espaços e dos lugares (JORDAN-BYCHKOV, et al., 1994). Por meio dessa abordagem, existe uma determinação referente à ligação de uma Geografia voltada para o ambiente físico e natural, exercidas pela função do homem e seus aspectos de vida. Que foi revolucionada e recebeu expressividade a partir do momento em que ela chega aos Estados Unidos, ganhando um novo conceito nas mãos de Sauer, derivado da Escola de Berkeley, que introduz na Geografia Cultural, elementos voltados a um estudo mais completo.

Desta forma, tudo o que era tratado nas abordagens de suas obras, eram voltados para um novo conceito de paisagem, que passa então a possuir uma característica própria, através de uma mistura de conhecimentos que respectivamente foi influenciada por meio dos geógrafos franceses e alemães. Sauer (1998) deixa claro que o papel da Geografia, é em se preocupar como o homem é o influenciador da natureza, deixando marcas a qual por ele foi almejada. Sendo assim Sauer:

[...] Vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai além: a cultura é composta por uma associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a

utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. (CLAVAL, 2014, P. 39).

Isso implica dizer que a relação entre o homem e o meio em que ele se insere, faz com que a Geografia Cultural, se interligue entre ambos os produtos, fazendo com que exista uma compreensão cultural entre essas partes, podendo ocasionar a solução de problemáticas distintas da Geografia, seja do âmbito político ou econômico. Tais estudos trabalhados por Sauer e a Escola de Berkeley, reflete até hoje como de grande importância nos estudos da nova Geografia Cultural.

Com o passar do tempo, essas idéias propostas pela Escola de Berkeley, começaram a receber duras críticas, na qual Claval (2002) diz que tais críticas são apresentadas em sua abordagem, que tinha o papel de descrever o mundo, em vez de entendê-lo. Sendo assim, houve insatisfações, levando a se buscar novos caminhos, até chegar a uma nova epistemologia, que descreve como uma ciência transformadora, da vinda do marxismo e do positivismo, entrelaçado ao método conservador, buscando estudar a relação social em uma perspectiva voltada para o papel crítico, perante o século XX.

A partir daí, a epistemologia incrementada na década de 1970, foi eficaz para entrada de novas oportunidades, possibilitando uma nova abertura e abrindo caminhos para os estudos culturais. Portanto, a nova visão da Geografia por meio da cultura remete a uma ideologia nova, que para Corrêa (2009), busca analisar novos significados, voltados às habilidades geradas pelo indivíduo, uma abordagem que busca privilegiar o presente, em vez de exemplificar apenas o passado.

Corrêa refere-se aos significados implementados por distintos grupos que veio lá do passado, perpetua no presente e vai até mesmo ao futuro, uma miscigenação composta por traços derivados de cada povo. Consolidando o que é apresentando nos dias atuais, e se expandindo mundo afora.

Ao se referir da Geografia Cultural no Brasil, pode-se dizer que ela chegou de forma precoce, devido aos efeitos causados pela influência francesa, além da falta de recursos para os estudos da mesma aqui no país. No início da década de 1990, houve a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura – NEPEC, realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, criado por Zeny Rosendahl. Este núcleo foi o marco inicial da Geografia Cultural brasileira, nele se encontrava grandes nomes da Geografia, como Paul Claval adepto dos Estudos Saurianos, e também, da nova fase da Geografia Cultural francesa.

Os estudos foram voltados para elaboração de livros referentes à Geografia Cultural, que posteriormente foram lançados. Essa expansão fez com que essa Geografia, ganhasse destaque, passando a ser um dos principais pontos de estudos nas Universidades. Baseando-se

em todo um contexto histórico pode-se dizer que a Geografia Cultural passa a ter um papel importante na construção da identidade do indivíduo, pois valoriza traços que vai da sua origem a suas manifestações locais, isso implica em dizer que ela busca explorar o meio de vida das pessoas, seus comportamentos, suas necessidades, e a partir disso, manter uma relação com o meio ambiente e as políticas econômicas e sociais.

Nesse sentido, a cultura não é uma realidade primeira, mas uma construção imaginada que permite que as pessoas se comuniquem e formem grupos unidos (CLAVAL, 1999). Por meio deste termo, fica claro que a cultura não é um conceito problemático, mas uma totalidade imutável, transmitida como herança irrecusável para as novas gerações que, pela imitação, construíram hábitos e por eles internalizaram os valores do conjunto do corpo social (COSGROVE, 1998).

E são através das manifestações de um povo, da crença, dos costumes, do modo de vida, que o lugar a qual esse povo pertence, se enraíza costumes que são transformados em identidade, e a partir dessa identidade, o ser passa a pertencer a um determinado grupo, possuindo traços marcantes, de fácil entendimento de onde ele veio de onde ele pertence.

O Nordeste brasileiro é exemplo disso, por produzir as maiores festas junino do país. A Região possui na cultura vários aspectos que guardam características marcantes de um povo, que são representadas através das suas manifestações culturais, seja pela fé, ou até mesmo para o lazer, remete a princípios de luta, união e coragem, a qual hoje é visto como símbolo de prosperidade e fartura, levando em conta de que suas tradições, atualmente, são fundamentais para geração de emprego e renda, movimentando todo um comércio e especialistas da área, ligados ao evento.

O Nordeste é reconhecido nacionalmente como uma Região extremamente rica em cultura, tradições, festejos, artesanato, culinária e agricultura de vários tipos, geralmente influenciadas por costumes indígenas, africanas e até mesmo portuguesas. Os costumes, as tradições, os hábitos culturais muitas vezes variam de Estado para Estado, e até mesmo dentro de um mesmo Estado.

A Cultura do Nordeste destaca-se pelas suas particularidades e tipicidades, apesar de extremamente variada, essa população ainda costuma resguardar a sua cultura através das pessoas, principalmente os mais velhos. A base desta cultura caracteriza-se pelo sistema luso-brasileiro, com grandes influências africanas, em especial na costa de Pernambuco à Bahia e no Maranhão, e indígenas, em especial no Semiárido, ou seja, na Região do Sertão, fisiograficamente conhecida como Polígono das Secas.

## 1.2 Conceito de Festas Juninas na Perspectiva do Local

A Região Nordeste é de grande destaque por promover as maiores festas juninas do país ou até mesmo do mundo, sendo a principal atividade turística que mais cresce economicamente quando se tratam de mega eventos urbanos. Segundo Morigi (2001) sua origem está relacionada às crendices populares europeias, que se baseia nos cultos pagãos em adoração ao sol, no período do solstício de verão. Ao passar dos tempos, foi incorporado pelo catolicismo, como datas importantes na comemoração das festividades de alguns Santos da Igreja Católica, precisamente Santo Antônio, São João e São Pedro.

No Brasil, essa festa ficou marcada por fazer ligação ao mês de junho. Mês esse, que os agricultores faziam a colheita dos produtos derivado da agricultura local, como o milho, símbolo do circuito junino nordestino, com isso, a origem da festa partiu do cenário rural, atingindo o espaço urbano. Câmara Cascudo (1988), afirma que os portugueses são os precursores dessas comemorações no nosso país, destacando a presença muito forte dos traços folclóricos e religiosos. Uma junção do profano e do sagrado, como elementos essenciais para a formação da cultura popular nordestina.

A Cidade de Campina Grande, no interior do Estado da Paraíba, é conhecido nacionalmente como a “Terra do Maior São João do Mundo”, que em 2018, completou 35 anos de história. Sua primeira edição foi em 04 de junho de 1983, já possuindo o nome de Maior São João do Mundo. A área da festa era composta de um único pavilhão montando no atual Parque do Povo, destinados àqueles que eram adeptos ao forró pé de serra - (MORIGI, 2001). (Figura 1).

Figura 1: Primeira edição do São João de Campina Grande em 1983



Fonte: Cléa Cordeiro. Memorial do Maior São João do Mundo. Arquivo Pessoal, S/D.

Fundado pelo então Prefeito Ronaldo Cunha Lima, que almejou proporcionar aos cidadãos campinenses, um espaço reservado para as comemorações dos Santos Juninos, o seu marco inicial se deu em um terreno baldio, que recebeu terraplanagem após a erradicação da favela conhecida como Coqueiros de José Rodrigues, que conferiu a população local, uma

nova identidade cultural, e mais tarde assumindo proporções que colocaram os Festejos Juninos, no calendário das principais rotas turísticas do país.

No entanto, é explícito compreender a ideia de Durkheim (1989, p. 542), *sobre o fato de os limites que separam os ritos representativos das recreações coletivas serem “flutuantes”, de modo que na religião o “elemento recreativo e estético” se faz presente com significativa efetividade*. Na verdade, ele deixa claro, que a religiosidade é influenciadora na propagação das festividades de um povo, criando uma interação entre as pessoas e a busca delas por um único objetivo, que remete a crença como simbolismo de celebração, que almejam nos elementos sagrados, a sua fé, intercalando as divindades como mecanismos capazes de exercer funções milagrosas. As festas ligadas ao sagrado e ao profano remetem características singulares dos indivíduos ali presentes, esta modalidade, faz da festividade, um âmbito religioso que busca uma uniformidade voltada para aqueles que necessitam buscar forças em uma divindade suprema, no intuito de se apegarem a mesma através da fé, ou até mesmo, um evento voltado para aqueles grupos que só querem participar e interagir de maneira lúdica.

A história do São João em Campina Grande vai além do mega espetáculo que se observa hoje em dia, na verdade, tudo começou nas pequenas comemorações das zonas rurais, com a queima da fogueira, o acender dos fogos de artifícios e a reunião dos familiares e vizinhos, embalados pelo tradicional forró de Luiz Gonzaga e outros, e também a apreciação da mesa farta vinda de uma boa colheita, desta maneira, festejar o período junino, era sinônimo de agradecer por mais um ano vindouro.

No âmbito da Cidade de Campina Grande, os bairros que eram os precursores dessas festas traziam traços bastante culturais, a pamonha e o milho verde, remetiam a simplicidade de uma identidade marcada pelos antigos costumes que eram passados de pais para filhos. A cidade contava com mais de cem Quadrilhas Juninas, todas no estilo de Quadrilha Matuta. Com a fundação de uma área específica para reunir a massa e engrandecer o espetáculo, o primeiro ano, do Maior São João do Mundo, foi marcado por improvisos e principalmente pela ajuda da comunidade para a realização do evento.

Ferreira (2003) diz que *o espaço pensado como “lugar festivo” permite entender o sentido de lugar e de evento festivo*. Sendo assim, o lugar inserido como um espaço festivo remete as manifestações de território, de identidade, um espaço de conflitos no qual é exercida uma relação de poder, possuindo características marcantes dos que ali estão inseridos.

Com a criação de um espaço voltado para as práticas festivas, no ano seguinte, em 1984, a festa passa a ter 30 dias de comemoração, iniciando no dia 02 de junho a 1º de julho

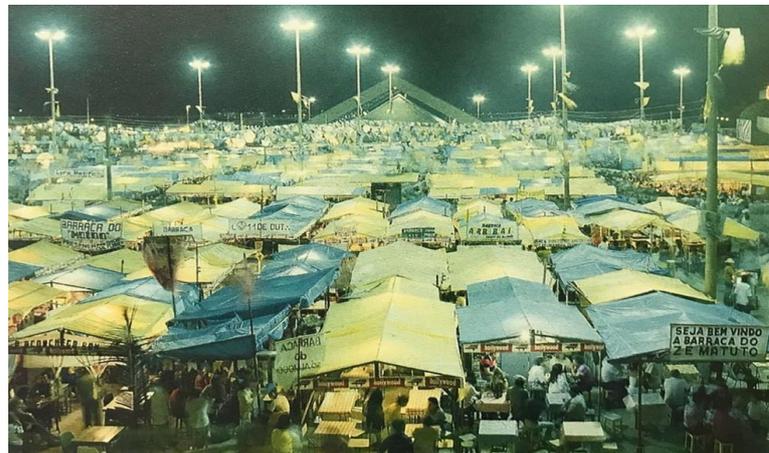
daquele ano. Em 1986, o terreno passa a ganhar uma nova roupagem, e é construída uma espécie de pirâmide (Figura 2), no intuito de representar uma grande fogueira, sua extensão começa a ser pavimentado, o local recebe palco para shows, barracas para o comércio de bebidas e comidas regionais, barracas essas, de ambulantes e comerciantes locais, destinadas aos visitantes (MORIGI, 2001) - (Figura 3).

Figura 2: Início da construção da Pirâmide do Parque do Povo



Fonte: Cléa Cordeiro. Memorial do Maior São João do Mundo. Arquivo Pessoal, S/D.

Figura 3: Barracas com comidas e bebidas



Fonte: Cléa Cordeiro. Memorial do Maior São João do Mundo. Arquivo Pessoal, S/D.

O São João de Campina Grande passa a construir uma nova identidade, uma referência voltada para a ideologia produtiva e consumista, uma concepção comercial e de consumo, são contextualizadas práticas capitalistas, referências de progresso e de renovação de um mundo globalizado, desta maneira, a origem dos costumes começam a ser esquecidos e abandonados, abrindo espaço para uma nova era progressista, voltadas para a espetacularização e costumes de uma nova utopia. Fenômenos assim são descritos como um marco histórico da evolução, uma dinamização da cultura, envolvida a novas práticas sociais e globalizada. Perante essa transformação, Rounaet (2000, p. 14) remete que:

A globalização por diversos fatores alimenta essas dualidades da coexistência do tradicional e do moderno, é um jogo de interesses que a televisão – como dispositivo eletrônico e interativo dessa globalização - desempenha muito bem a sua função. A relação da cultura global é com os objetivos, com os bens industrializados ofertados no mercado. Já a cultura local a relação é com os sujeitos, com os atores sociais que participam dos processos culturais de atualização e modernização.

Exemplo disso, em 2006, o Parque do Povo passa por um processo de padronização, suas barracas adquirem um novo estilo, idêntica uma da outra, para que a forma seja esteticamente harmoniosa, a estrutura da Pirâmide do Parque do Povo, recebe o slogan com o nome do evento. E a cada ano, sempre existe algum elemento que marca a evolução da festa, que vai da cidade cenográfica - fundada em 1999, um simulacro que caracteriza a fundação da Cidade de Campina Grande, por meio da Vila Nova da Rainha e prédios históricos, como as réplicas do Telegrapho, o Cassino El Dourado, o cine Capitólio e a Catedral de Nossa Senhora da Conceição (MORIGI, 2001).

Como também a expansão da festa que ultrapassa o espaço do Parque do Povo e atingem outros pontos do município, como por exemplo, o Distrito de Galante, responsável por receber a famosa Locomotiva Forrozeira, ou até mesmo a exposição do Salão de Artesanato da Paraíba e o Sítio São João, todos voltados para melhor atender a demanda de turistas que visitam a cidade no período junino, que gira em torno de 2,5 milhões de telespectadores (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018).

Desta maneira, é importante constatar que o Maior São João do Mundo, hoje é definido como uma das principais festas populares do Brasil, desta forma, apresenta características modernas, a festa se insere na sociedade do espetáculo e conseqüentemente, o que era rural, simples e religioso, passa por uma nova funcionalidade, ligada ao urbano e as políticas socioculturais. O contemporâneo remete a novas funcionalidades, o turismo requer uma demanda mais sofisticada, e o capital é o eixo econômico que os órgãos responsáveis pela festa almejam.

Canclini (2008) descreve como hibridismo cultural, quando as expressões derivadas dos costumes tradicionais de cada povo sofrem influência das manifestações exteriores, não sendo possível a imutabilidade da cultura tradicional, em virtude das mudanças decorrentes das novas sociedades industriais e urbanas. Portanto, com base nos conhecimentos de Canclini, uma estrutura voltada para o espetáculo, atualmente o São João de Campina Grande, possui uma funcionalidade econômica em vez de comemorativa, existe toda uma logística voltada para esta dimensão a que o evento se propõe.

A edição comemorativa de 35 anos em 2018 chegou a atingir um incremento de R\$ 240 milhões na economia local, segundo o Ministério do Turismo (2018), crescendo 10% as vendas do comércio da cidade, e superando os Festejos Juninos de outras localidades, mesmo

em frente às dificuldades que o evento passou no referido ano, além dos resquícios da crise que ainda assola o país. Essa economia está voltada para as grandes atrações, sejam os shows no palco principal, as apresentações das Quadrilhas Juninas e demais grupos folclóricos, os pratos e bebidas oferecidas pelas barracas e restaurantes, ou até mesmo todo o mapa turístico que a cidade oferece como opção de lazer para quem vem visitar o evento.

Desta forma, o Maior São João do Mundo, é sem dúvida, o maior evento turístico do interior do Brasil. O setor que mais é beneficiado no quesito econômico é o setor de serviços, que vai do taxista, restaurantes, aos hotéis. O artesanato regional também impulsiona a economia local, com produtos criativos. Ressaltando que essa economia ultrapassa os limites do município, chegando a atingir cidades circunvizinhas.

A Copa do Mundo também foi um importante fator para justificar esse aumento econômico, comparado a 2017 que foi estimado em R\$ 200 milhões, esses números também podem ser maiores comparados a empregos temporários e informais. Vale ressaltar que a Prefeitura Municipal de Campina Grande, em parceria com a empresa pernambucana Aliança Comunicação e Cultura Ltda, se uniram em 2017 para proporcionar uma nova conjuntura aos Festejos Juninos, passando para a Aliança R\$ 2,9 milhões para montagem do evento, levando a PMCG a economizar R\$ 5 milhões dos cofres públicos para execução da festa (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018).

As manifestações turísticas formam um dos maiores setores de geração de emprego e renda no mundo inteiro. *“O turismo é gerador e receptor de verbas dos governos e direciona a alocação de recursos nos orçamentos públicos, pois os gastos são compensados pelo aumento da arrecadação de impostos (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.19)”*. Pode-se dizer que o turismo está sempre em constante desenvolvimento, e com isso o investimento incrementado a ele, faz com que sua arrecadação obtenha uma porcentagem superior que o capital investido.

Montejano (2001, p.103) diz que *“o turismo se emoldura perfeitamente dentro da economia como o conjunto das atividades industriais e comerciais que produzem bens e serviços consumidos total ou parcialmente por visitantes estrangeiros ou por turistas nacionais”*. E tudo o que se insere nesse ramo, destaca-se como sendo um dos efeitos que mais gera desenvolvimento para um determinado local, o São João de Campina Grande, por exemplo, exerce um papel econômico que causa efeito não só para a cidade, mais envolve o Estado inteiro, sendo o mês de junho e as Festas Juninas, um dos responsáveis pela porcentagem do PIB da Paraíba.

Outro elemento de destaque no setor econômico, no Maior São João do Mundo, são as Quadrilhas Juninas, que é um dos principais produtos turísticos dos nossos Festejos Juninos,

sendo muito importante para a economia local. Barreto e Pereira (2002) lembram que os Festejos Juninos entre as várias tradições populares, se caracterizam por ser uma das mais importantes e ricas manifestações folclóricas, mesmo preservando o caráter popular, atinge do tradicional ao estilizado, as mudanças estão presentes nos trajes, nas danças, na música, entre outros.

Entende-se que os Festejos Juninos e as Quadrilhas Juninas são manifestações populares, responsável pela mais pura tradição nordestina que atraem turistas do mundo inteiro. Canclini (2008) enfatiza que as transformações culturais sofreram influências das novas tecnologias – responsáveis em promover também criatividade e inovação –, e das mudanças no processo de produção, meios de comunicação, além da expansão do espaço urbano.

Partindo-se desta premissa, hoje as quadrilhas juninas adquiriram maior visibilidade, de modo geral, refere-se a uma dimensão espetacularizada do evento, que pode ser visualizada em múltiplos aspectos, como na dança, na música, na vestimenta e na alegoria. Para isso, existem grupos de profissionais que trabalham meses antes, para tornar realidade tudo aquilo que os projetistas sonharam em realizar, desta forma, a Quadrilha Junina passa a oferecer não só um belo espetáculo, mais também constrói sonhos e trás benefícios para a vida daqueles que estão ali inseridos.

### **1.3 Cultura Popular na Perspectiva Dinâmica das Quadrilhas Juninas**

A cultura popular brasileira é marcada pela evolução derivada do pós-modernismo, e o que era antes caracterizada por elementos denominados tradicionais, hoje é composta por uma dinamização de grandes espetáculos, como diz Ferretti (1990, p. 48), “que *subentende a expressão cultura popular como “uma forma mais moderna de designar o folclore”*”.

Esse processo que é bastante presente nos grupos folclóricos no Brasil, sobretudo nas Quadrilhas Juninas da Região Nordeste brasileira, passa por uma mudança significativa, que antes eram marcadas por apresentações formais e brincantes, ganhando uma nova roupagem passando a ser um produto econômico, gerador de oportunidades para aqueles que fazem parte da construção artística, cultural e ideológica deste tipo de evento.

A cultura ganha um novo significado e por meio dessa espetacularização, a mesma torna-se uma cultura híbrida. Canclini (2008, p. 27) “*considerada como processo sociocultural que pode existir de forma separada, se combina com outras culturas para gerar novas estruturas, os novos povos trazem suas tradições que contribuem no contexto cultural da população local*”.

Desta maneira, Canclini (2008) defende por meio de seus estudos que o termo cultura é:

A produção de fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (Canclini, 2008, p.29).

E para o conceito de popular, o autor acima citado ressalta como sendo: “*aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado*”. Isto implica em dizer que a cultura popular teve que adaptar-se as modernizações, abrindo mão de velhos costumes e incrementando novos elementos mediante a uma nova sociedade espelhada pela era capitalista.

Já Gullar (1983, p. 49) afirma que, “*a cultura popular não está ligada apenas à cultura de povos, e sim a um conjunto ligado a distinção de classes, de forma que, esta cultura esteja a serviço da população*”. Diante disso, o popular passa a construir novos costumes e perpetuam atualmente nos demais grupos folclóricos que estão distribuídos entre as cinco grandes Regiões brasileiras, e no Nordeste destacam-se por meio das Quadrilhas Juninas.

Canclini (2008) remete às modernizações folclóricas como, “*avanço tecnológico, marcado principalmente pelos meios de comunicação, como as indústrias fonográficas, que levam o conteúdo para qualquer parte do mundo*”. Sendo assim, o conteúdo apresentado para os telespectadores, é de âmbito comercial, sua imagem passa a ser retratada como estilizada, a entrada do novo, naquilo que era tradicional.

A Quadrilha Junina é sem sombra de dúvida, o principal elemento folclórico dos Festejos Juninos no Brasil. Surgida na Europa, especialmente em Paris em meados do século XVIII, com o nome de *quadrille*, que derivada da *dança country*, sendo a principal dança dos bailes europeus, sobretudo em Portugal, segundo Rangel (2002). Vinda essa cultura popular para o Brasil, séculos depois, a qual a dança foi bem aceita, caindo no gosto dos brasileiros, principalmente da população da Região Nordeste e do interior desta. Mas antes de adentrar nessa Região, passou primeiro pela a Capital do Brasil, que na época era o Rio de Janeiro.

A quadrilha foi introduzida no Brasil sobre a Regência e fez bastante sucesso nos salões brasileiros do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro, sede da Corte. Depois desceu as escadarias do Palácio e caiu no gosto do povo, que modificou suas evoluções básicas e introduziu outras, alterando inclusive a música (RANGEL, 2002, p.59).

Segundo Rangel (2002, p.60) os trajes das quadrilhas antes eram “*marcados por vestidos cumpridos de pouca roda, gola alta, cintura marcada e botas como sendo os trajes para as damas, e paletó de três botões, camisa colarinho, colete, gravata, calca estreita e*

*botas, para os cavaleiros*. No Brasil, essa ideia começou a ganhar novos traços assim que a dança começou a fazer parte da tradição do seu povo. A Quadrilha deixa de ser um item nobre e passa a ganhar características folclóricas. Ribeiro (2013, p.37) diz que:

As danças indígenas, afro-brasileiras e tantos outros estilos criam um novo e rico folclore. A dança é uma marca forte das festas de São João e não se pode fazer um bom festejo sem que haja muita música e dança. O cativante forró, no estilo ‘pé de serra’, toma forma ao som da sanfona, triângulo e zabumba e no ‘rastapé’ dos chinelos no salão.

Esse conceito de novo e rico folclore que faz referência à cultura popular, compreende a integração do dinamismo, que corresponde a um conjunto de obras de características culturais que se entrelaçam. São traços marcados pelos demais conceitos, que são encontrados desde o modo de viver das pessoas, até suas crenças e seu objetivo de vida.

Lembrando que para Câmara Cascudo (2006, p. 52), “*a literatura folclórica é considerada popular, mas nem toda produção popular, é folclórica*”. As Quadrilhas Juninas, no contexto folclórico, possui elementos que foram adentrados ao mundo globalizado, ou seja, para se conceituar a cultura popular nas Quadrilhas Juninas requer uma abordagem de ponto de vista de quem a idealiza, pois a mesma faz referência, a algo antigo, ultrapassado, tradicional, que passa a pertencer ao modernismo, mais sem deixar de lado suas origens.

Desde que a Quadrilha foi introduzida nos Festejos Juninos, à mesma começou a perder a identidade europeia, ganhando novas características, sobretudo no estilo caipira. A dança é símbolo das festas juninas nordestinas. Mas, suas evoluções perpetuam até hoje, com passos de danças que possuem seus nomes, ainda da cultura francesa, como é o caso das palavras, *anavantur* e *anariê*. Com um toque de música do Nordeste, o tradicional forró pé de serra, e vestes e adereços voltados para trajes típicos do nordestino.

Nos últimos anos, a Quadrilha Junina de ênfase regional e brincante, conhecida como matuta ou tradicional (Figura 4), passa por um processo de reconstrução de identidade, abrindo espaço para o espetáculo, a Quadrilha que antes era voltada para o divertimento dos brincantes, hoje é considerada um produto comercial e turístico. Os investimentos que envolvem as Quadrilhas atualmente as tornam grandes empresas no mercado junino e também são eficazes pela renda gerada no município no período dos festejos, englobando vários profissionais de diversos setores, além da geração de benefícios para aqueles que fazem parte desse universo teatral e espetacularizado.

Figura 4: Quadrilha junina tradicional



Fonte: Jorge Cardoso da Silva Junior. Arquivo Pessoal, 2017.

A função da Quadrilha hoje está ligada a propósitos inovadores, ligados ao meio turístico e econômico. A Quadrilha Junina passa a servir de espetáculo para a plateia, o grupo envolvido na construção dessa encenação, requer o envolvimento de profissionais de todas as áreas, capazes de transformar as apresentações em um verdadeiro show, tais profissionais que estão envolvidos o ano todo, buscam a compreender histórias, que servirão de narrativas, para a construção do que será trabalhada naquele ano consecutivo, a escolha do tema ou enredo, é a percussora para que a Quadrilha que recebe o nome de Quadrilha Estilizada, se diferencie da Quadrilha Tradicional (Figura 5).

Figura 5: Quadrilha junina estilizada



Fonte: Tássia Maria Pachêco. Arquivo Pessoal, 2012.

Existe outros fatores que a fazem possuir características pós-moderna, a partir do tema escolhido, a direção dessas Quadrilhas irá trabalhar em toda uma temática que faça com que o enredo principal seja bem elaborado e que o público entenda o que ela quer mostrar, lembrando sempre que mesmo com a implantação de novos costumes, é de obrigatoriedade, conceitos que remetem a Quadrilha Matuta seja na roupa, ou na evolução.

Músicas interligadas ao enredo, peças teatrais que contam histórias, iluminação e grandes alegorias, fazem parte da megaoperação de se dançar em uma Quadrilha nos tempos

atuais. Isto ocorre porque os Festejos Juninos e outras festas tradicionais, de forma geral, ganharam um novo papel na sociedade. E para esses grupos folclóricos, não é diferente.

Nesse processo de (re)criação e (re)invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado. Uma vez institucionalizados pelo poder público, esses eventos têm assumido a forma de grandes espetáculos urbanos, atraindo pessoas e gerando renda (BEZERRA, 2008, p.08).

Isto implica em dizer que tanto as festas como os grupos folclóricos que compõem essas festas, cresceram, e se transformaram, e estão fazendo parte de empreendimentos voltados ao setor econômico dos locais em que eles estão inseridos. As Quadrilhas Juninas, por exemplo, fazem parte de ligas locais, regionais e nacionais, possuem critérios e regras e estão cada vez mais ligadas aos princípios comerciais.

As Quadrilhas Juninas do Maior São João do Mundo, em Campina Grande-PB, se apresentam na Pirâmide do Parque do Povo, na Etapa Campinense. As três primeiras colocadas disputam a etapa Paraíba Junino, com as demais representantes do Estado, onde sai à representante da Paraíba, para disputar a etapa regional, conhecida como Festival Regional de Quadrilhas Juninas da Rede Globo Nordeste, promovida pela Rede Globo de Televisão Ltda. E por fim, O Festival Nacional de Quadrilhas Juninas, última etapa, onde sai à melhor Quadrilha Junina do país, naquele respectivo ano.

Partindo desse pressuposto, não só o Nordeste como as demais festas pelo Brasil, ganhou características novas, conseqüentemente, a implantação de novos métodos e técnicas, desta maneira, a visão da festa espetacularizada é contextualizada por Canclini (2008) como:

O que é necessário fazer para que a festa popular não se dissolva inteiramente num espetáculo, para que continue a ser centrada na vida comunitária, oferecendo um tempo e um espaço para a participação coletiva? Isto é possível se o povo consegue fazer com que a expansão, o desfrute e os gastos da festa sejam realizados dentro dos marcos internos ou ao menos não sejam subordinados aos interesses do grande capital comercial: se os membros dos povoados conservam um papel destacado na organização material e simbólica da festa [...] (CANCLINI, 2008, p. 132).

Desta forma, fica claro de que o controle dessas festas e eventos voltados para a comunidade ampliou suas escalas de atuação. As mudanças derivam das exigências de uma sociedade ponderada, que cresce cada vez mais, fazendo com que o tradicional acaba sendo deixado de lado, abrindo as portas para mega eventos, protagonizados por empresas voltadas ao lucro e capital, tornando essas festas e seus elementos, mais uma opção diferenciada no mercado exigente e competitivo. E o que antes era apenas brincadeira e simbolismo, torna-se um meio de vida.

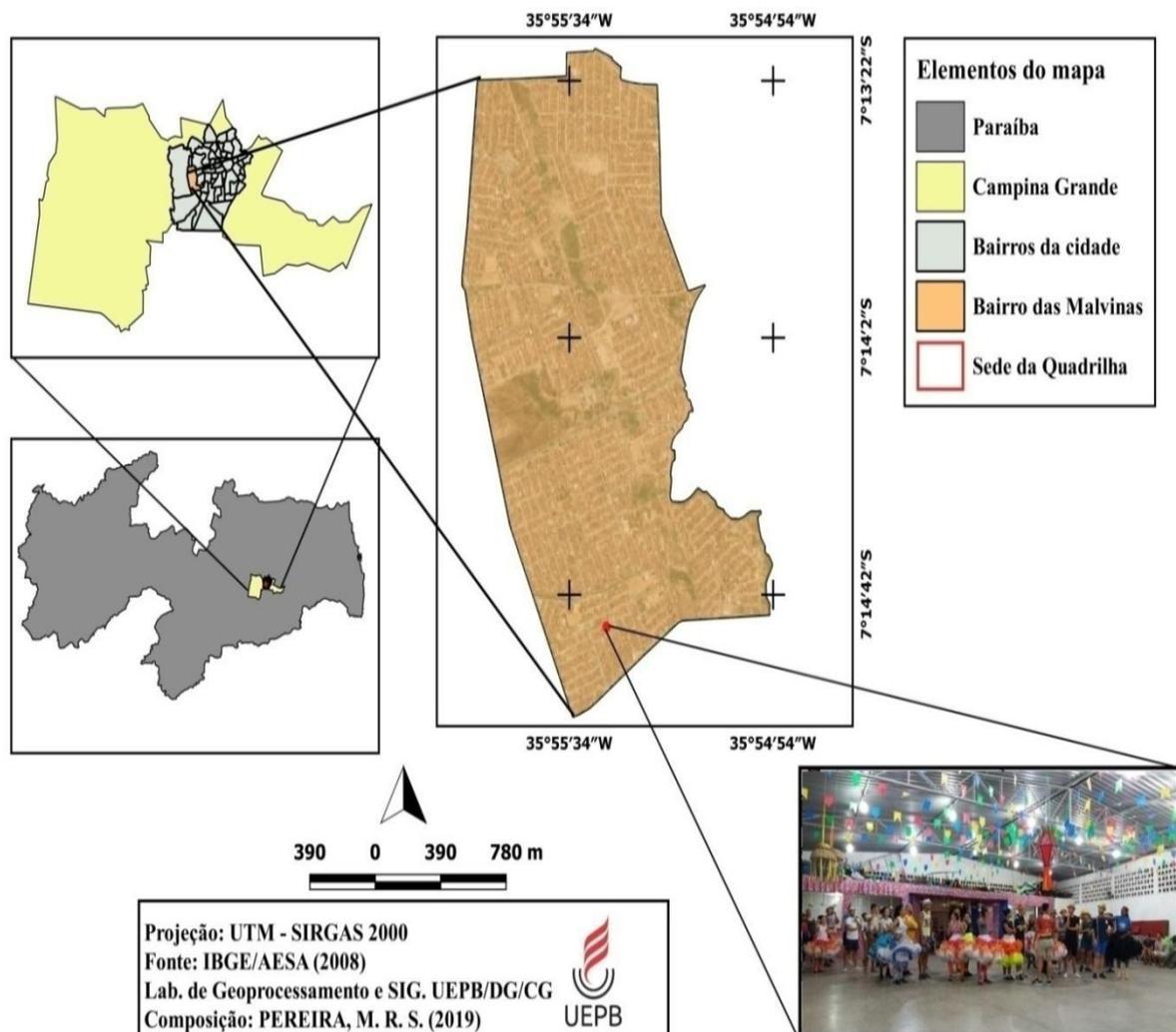
## 2 MATERIAL E MÉTODOS: Caracterização da Área de Estudo

### 2.1 Localização Geográfica

O Município de Campina Grande localiza-se geograficamente na Mesorregião da Borborema e na Microrregião de Campina Grande, no Estado da Paraíba. Limita-se ao Norte com Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã; ao Sul com Boqueirão, Caturité, Fagundes e Queimadas; a Leste com Riachão do Bacamarte; e a Oeste com Boa Vista.

O Bairro das Malvinas encontra-se localizado na zona Oeste da Cidade de Campina Grande-PB, onde está inserido a Sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, (Figura 6) objeto de estudo deste trabalho, num galpão construído em 2010, possuindo as seguintes dimensões, 18 metros de largura por 22 metros de comprimento, reservado para acolher seus membros, para ensaios e reuniões, como também para preparação e logística de suas apresentações.

Figura 6: Localização da Sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha no Bairro das Malvinas no Município de Campina Grande-PB



Fonte: Márcio Rogério dos Santos Pereira/ Arquivo Pessoal, 2019.

## 2.2 Processo Histórico

O Bairro das Malvinas, em Campina Grande-PB, é um dos bairros que configura a malha urbana da cidade e é o mais populoso. Originariamente Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, mais conhecido popularmente como Malvinas, foi fundado na década de 1980, em uma localização afastada das áreas centrais na época (MIGUEL e SILVA, 2007). A partir da construção de casas populares, que depois foram invadidas por membros de ideologias voltadas a lutas e conquistas do espaço urbano.

O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco significativa pelo seu vínculo orgânico com a sua residência (CERTEAU, 1996, p. 41).

O Bairro das Malvinas teve sua origem no Governo de Wilson Braga, na construção de um conjunto habitacional pelo programa Estadual de Habitação Popular (CEHAP), que futuramente, seria entregue a moradores cadastrados na campanha, porém, ao término das residências, a infraestrutura das mesmas não estaria em condições não favoráveis à moradia, por não possuírem água encanada, luz e rede de esgoto. Desta forma, em 1983, iniciou-se a invasão do conjunto, por indivíduos não cadastrados na CEHAP.

Com as tentativas inúteis da retirada desses moradores do local, o programa cadastrou os invasores e impôs que os mesmos, pagassem as prestações das casas. Que resultou em reivindicações populares, que exigiam o cumprimento da melhoria de sua infraestrutura. Esse impasse entre ambas as partes, ocasionou então ao Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, uma coincidência peculiar, pois na mesma época, estava acontecendo um conflito militar nas Ilhas Falkland ou Ilhas Malvinas, desta forma, a população batizou o então conjunto, de Malvinas.

## 2.3 Dinâmica Populacional

O Bairro das Malvinas obtém-se de um grande crescimento populacional, em decorrência da construção de novas moradias ao redor do bairro. Dessa maneira, a população começou a sentir a necessidade de melhorias em sua infraestrutura, como a pavimentação de suas ruas, e construção de rede de drenagem pluvial, que veio como algo de extrema importância para aquela localidade.

Atualmente, o bairro possui uma população de aproximadamente 38.713 hab. segundo o IBGE (2010), distribuídos em uma representatividade de 18.416 hab. do sexo masculino, e 20.297 hab. do sexo feminino. Isso resulta em uma população composta por 52.43% por

mulheres e 47.57% por homens. Ao que diz respeito à faixa etária, a população de 0 a 4 anos de idade possui um total de 2.865 hab. (7,4%), de 5 a 14 anos, 9.407 hab. (24,3%), de 15 a 64 anos um total de 27.370 hab. (70,7%) e de 65 anos a mais, corresponde a 1.936 hab. (5%), da população. Este total em uma comparação a outro município do Estado torna o Bairro das Malvinas, mais populoso do que outras cidades dentro e fora do Estado e até mesmo de países. Já o Município de Campina Grande-PB possui uma área de 594 Km<sup>2</sup>, composta por 383.941 hab. isso equivale a 10,2% do total da população do Estado da Paraíba.

## **2.4 Estrutura Econômica**

Por ser o maior bairro da Cidade de Campina Grande-PB, as Malvinas possui diversos elementos que constitui o local como de grande diversidade econômica, porém, é bastante nítido o quanto o setor de comércio e serviços é de extrema valia naquela localidade, tornando-o um bairro de importância significativa ligado ao comércio. Os empreendimentos se destacam em vários segmentos, que vai de mercados de pequeno, médio e grande porte, restaurantes e bares, lojas populares de roupas e calçados, mecânica, automóveis, informática, papelaria e serigrafia, cosméticos e beleza, móveis, vidros, açougues, farmácias, estabelecimentos de redes de saúde e também hotelaria.

Com a ascensão do setor terciário na economia de Campina Grande-PB, houve um processo de descentralização do comércio na cidade, desta forma, as áreas periféricas, passaram a exercer influência para si, e com isso o Centro deixa de ser o único ponto de área comercial e deixa de influenciar alguns bairros.

Em parâmetros geográficos, os bairros, hoje em dia, fazem parte de um processo de descentralização comercial, e o Bairro das Malvinas, exerce para a sua população, todos os aparatos e serviços adequados para aqueles que ali habitam, fazendo com que esses moradores amenizem suas idas a parte central da cidade para exercer as suas funções. Isso resulta na necessidade de entender a formação de uma nova centralidade a partir dos centros comerciais. As Malvinas, por exemplo, possui um segmento que o torna um bairro independente das funcionalidades do Centro, ao que diz respeito ao setor de comércio e serviços.

## **2.5 Aspectos Culturais**

Os aspectos culturais do Bairro das Malvinas destaca-se em dois segmentos fortes, o religioso e o folclórico. Ao que diz respeito ao mesmo, destacam-se as manifestações culturais voltadas à crença religiosa. Levando a Igreja Católica a cultuar e celebrar as suas divindades nos períodos comemorativos de suas representatividades. No bairro, por exemplo, existem Paróquias, as quais exercem essas funções, como a *Paróquia Jesus Libertador*, *Paróquia*

*Sagrada Família* e a *Igreja Santa Luzia*, tendo em vista as celebrações de seus Padroeiros criam manifestações culturais que movimentam a comunidade, como missas festivas, quermesses e eventos beneficentes.

As representatividades da Igreja Evangélica em prol de tais manifestações também exercem essas funções, as Malvinas possui diversas Igrejas, entre elas a Igreja Evangélica Congregacional Conservadora das Malvinas, a Igreja Evangélica Congregacional Nova Aliança e a Congregação Evangélica Luterana da Graça, ambas voltadas para o público evangélico, que estabelecem parâmetros dentro da própria localidade.

Em outra temática voltada à questão folclórica destaca-se o maior grupo folclórico da cidade, a Junina Moleka 100 Vergonha, que está inserida como o principal elemento cultural do Bairro das Malvinas, interligados ao costume de crenças voltado a interface do sagrado e do profano. Que é a principal fonte de pesquisa deste trabalho. Onde envolve segmentos folclóricos e credices populares, que na verdade remete a características locais e de raiz, com representatividade nordestina vistas nas músicas, danças e roupas, uma preliminar de cores e encantos que dão ao período junino, um toque de alegria e magia.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: Representações e Processos de Produção Cultural da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha**

#### **3.1 Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha: origem e evolução**

A Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, originou-se em meados dos anos 2000, precisamente em 05 de fevereiro, trazendo para 2019 o seu 20º espetáculo, com a narrativa “A Nossa Voz”. Sua história começa baseada nas brincadeiras dos Festejos Juninos, por meio da dança.

O Bairro das Malvinas possuía um grupo de jovens que deu início para a criação da *Moleka*, as quais os mesmos queriam levar para sua comunidade, atrativos de se comemorar o São João. Em certo período, as Quadrilhas se apresentavam nas ruas dos bairros de Campina Grande, e ao todo, a cidade tinha em média, trezentas Quadrilhas. Os responsáveis por colocar a “Junina na Rua” foram Erick Cristovam, Jecimar Rodrigo e Itamar Santos, que em sua primeira apresentação, era caracterizada como uma Quadrilha Tradicional, por possuir características mais atuais e passos sincronizados que a Quadrilha Matuta.

A origem do nome se deu a partir da vinheta de um CD da Banda de Forró Elétrico, Moleka 100 Vergonha, grupo este da Cidade de Araripina, Estado do Pernambuco, fundada no ano de 1997. A voz grossa e marcante do locutor da vinheta ao sempre pronunciar o nome do grupo musical, foi à principal responsável para dar nome a “Junina”, já que no decorrer de suas apresentações, o mix sempre se fez presente no meio de suas músicas. Que acabou resultando em homenagem anos depois no encontro da Banda de Forró e da Quadrilha Junina, na cidade natal do grupo de forró, por duas vezes consecutivas.

Conhecida popularmente como Junina Moleka, veio cair nas graças do gosto popular, a partir do seu quarto ano de apresentação, em 2003, ano este que a Quadrilha já veio para as ruas, com uma nova roupagem e projeto. No ano de 2003, ela passa então a se tornar uma Quadrilha Estilizada, na qual se perpetua até os dias atuais. Foi sua primeira apresentação no âmbito estilizado. A mesma fez naquele ano, uma homenagem à sua Cidade - Campina Grande, a terra do Maior São João do Mundo. Em 2004, o enredo trabalhado foi sobre a vida do Cangaceiro Lampião, tornando-se Vice Campeã da Paraíba, seguido por Luiz Gonzaga, o Rei do Baião em 2005.

No ano de 2006, um dos seus melhores anos, a Quadrilha trouxe como espetáculo, o Rio São Francisco, enredo esse que foi trabalhado a importância da transposição do rio para pontos estratégicos do Nordeste, como também a importância da revitalização do mesmo, levando a Junina a ganhar o título de Campeã Campinense, podendo concorrer pela primeira vez no Festival de Quadrilhas Juninas da Globo Nordeste, conhecido como o Nordestão da

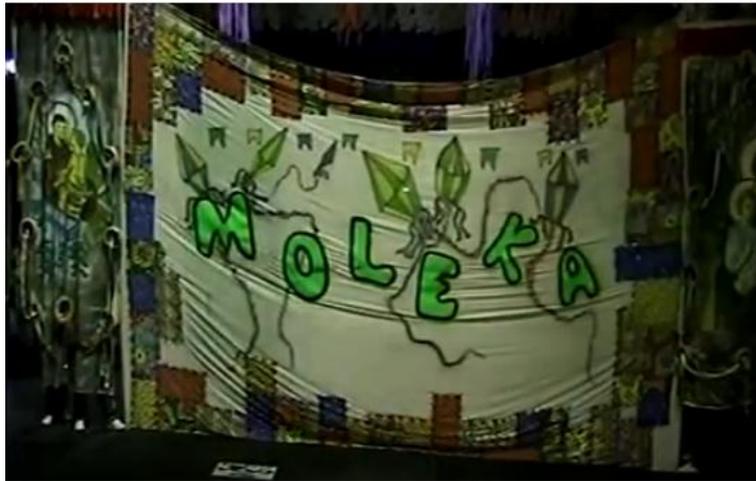
Rede Globo, que conquistou o 6º lugar, sendo atualmente a Quadrilha paraibana que mais participou do respectivo concurso.

Já em 2007, a apresentação foi elaborada para uma temática voltada aos negros, que recebeu o nome “Da Senzala ao Salão, a Pisada é Uma Só, no Batuque do Forró, é Xangô, é São João”. Tema esse que se trabalhou a história dos negros, as questões de sincretismo religioso, as questões do sagrado e profano e a mistura das religiões africanas com o catolicismo. Que também levou a Quadrilha ao Nordestão da Globo, recebendo o título de Vice Campeã Nordestina, na Cidade de Campina Grande-PB.

Em 2008, a temática daquele ano foi a Guerra de Canudos. Um conflito armado que envolveu o Exército Brasileiro e membros de uma comunidade religiosa, no interior do Estado da Bahia, liderado por Antônio Conselheiro, na Cidade de Canudos. Para o ano seguinte, em 2009, a Moleka falou sobre os deuses pagãos nos Festejos Juninos, contando a história do São João, por meio das festas de solstícios de verão pela Europa, até a chegada da festa ao Brasil pelos Portugueses.

Em 2010, a fé invadiu o espetáculo, trazendo a colheita como o ponto de partida, e o milho como sendo o principal elemento da festa, que acarretou em mais um título campinense (Figura 7).

Figura 7: Banner da Junina no ano de 2010



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2010.

O ano de 2011 foi destinado às “Crenças e Crençices, em Que Você Acredita?”, levando o título de Campeã Paraibana (Figura 8).

Figura 8: Apresentação em 2011 da Junina Moleka



Fonte: CODECOM/CG, 2011.

Em 2012, foi trabalhado “O Fogo”, em uma brincadeira entre a noiva supersticiosa e o noivo totalmente religioso, e o fogo como enredo principal, por meio do fogo da fogueira. O fogo da colheita, o fogo da mulher fogosa, o fogo da cachaça e o fogo da energia. Campeã da Paraíba nesse mesmo ano também (Figura 9).

Figura 9: Junina Moleka 100 Vergonha, apresentação de 2012



Fonte: CODECOM/CG, 2012.

Para 2013, o enredo foi sobre os Pássaros, levando a Junina Moleka 100 Vergonha a ganhar seu Primeiro Título Regional, contando a história dos pássaros e como o Assum Preto, por ser cego, interagiu com toda a natureza para conseguir sua visão de volta, dando vida ao espetáculo, destacando a noiva como a Asa Branca, a Rainha como o Beija Flor, e o Cangaceiro como o Carcará (Figura 10).

Figura 10: Junina Moleka no Parque do Povo em 2013



Fonte: Taiguara Rangel/G1. Arquivo Pessoal, 2013.

Em 2014, deu “Sol e Chuva, Casamento de Viúva”, uma temática que brincou com o dito popular, aonde a Junina veio dividido em dois grupos, o amarelo para representar o sol, e azul para representar a chuva, levando o título de Campeã Paraibana (Figuras 11 e 12).

Figura 11: Enredo Sol e Chuva, Casamento de Viúva



Fonte: Rafael Melo/G1. Arquivo Pessoal, 2014.

Figura 12: Casal de Noivos



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2014.

O ano de 2015 foi o ano mais importante para a Junina. Ano em que a mesma conquistou os títulos de Campeã Campinense, Campeã Paraibana, Campeã Nordestina e pela primeira vez, o título de Melhor Quadrilha do Brasil, com o enredo “A Moleka é o Nordeste, e os 7 Pecados Capitais” (Figura 13).

Figura 13: Moleka é campeã brasileira pela primeira vez



Fonte: Emanuel Tadeu. Arquivo Pessoal, 2015.

Em 2016, “Não Te Assombres”, foi o enredo que levou a Quadrilha a ser novamente Campeã Paraibana e Vice Campeã do Nordeste. Fez uma abordagem ao tema, a importância de vencer os obstáculos da vida e os seus receios interiores de cada um de nós (Figura 14).

Figura 14: Não Te Assombres



Fonte: Assessoria de Imprensa/ Prefeitura de Campina Grande, 2016.

Já em 2017, o negro voltou a ser enredo na Junina Moleka, com o tema “Ilu Ayê”, um mega espetáculo no qual foram montados para contar uma história que poucos conhecem, em vez de escravos, eles vieram adorados e considerados os deuses de uma nação, os verdadeiros reis da festa. Neste ano, a Quadrilha conquista seu Primeiro título da UNEJ, União Nordestina de Quadrilhas Juninas, e também foi vice Campeã Paraibana (Figura 15).

Figura 15: Ilu Ayê, enredo de 2017



Fonte: Gabryella Torres/Asquaju. Arquivo Pessoal, 2017.

Para 2018, ano de Eleições Nacionais, a Junina trouxe “O Voto”, como trama do seu espetáculo naquele ano. Esse foi trabalhado o voto de castidade, o voto de fé, o voto de casamento, o voto de confiança, e principalmente o voto político, passando uma mensagem de alerta para todos os espectadores, por ser um ano de eleição, as quais tantos anos o Nordeste sofre nas mãos de seus líderes, e o quanto o povo é submisso a eles (Figura 16).

Figura 16: Junina Moleka no concurso de quadrilhas juninas de Campina Grande-PB



Fonte: Gabryella Torres/Asquaju. Arquivo Pessoal, 2018.

Destacando também que nesse ano, o grupo folclórico elegeu sua primeira Rainha Transexual, que ao lado de outras rainhas de outros grupos, são responsáveis em mostrar suas representatividades perante a sociedade, e de suas conquistas e valores por estarem ocupando espaços que antes não tinham livre acesso ou liberdade de expressão.

E em 2019, ano que a Quadrilha completa seu 20º espetáculo, a “Nossa Voz” será responsável por transmitir a importância da voz, seja ela para cantar, para protestar, para louvar e agradecer, como também a voz que canta o amor.

A Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, por possuir vários títulos conquistados e por possuir grande influência no Estado, a mesma ocupa um papel como entidade folclórica

não só do Nordeste, mais de todo o Brasil, na qual essa vem ganhando vários troféus pelo seu trabalho realizado. Sua representatividade a faz capaz de representar cada cidadão campinense por onde ela passa, faz do Maior São João do Mundo, símbolo de cultura e ousadia, a Junina representa a festa, a dança, os costumes, a tradição de um povo. Pois a cada espetáculo concebido, sonhos e idealizações conjuntas fazem no arraial, um espetáculo de cores, magia e encanto (Figura 17).

Figura 17: Alguns de seus principais troféus



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2019.

Com apresentações em rede nacional, a Moleka já brilhou na telinha da Rede Globo em programas como, Fantástico, Criança Esperança e Esquenta. A mesma faz jus a sua capacidade de brilhar e mostrar o potencial que a Paraíba tem, para o país, tudo isso por meio da dedicação, da moral e dos bons costumes em valorizar a sua cultura e demonstrar como a expressividade de um povo pode ser forte e ter o seu valor. Assim, a Moleka 100 Vergonha é sem sombra de dúvidas uma referência não só para a Região Nordeste, mas como também para o Estado da Paraíba, e para os campinenses.

### **3.2 Importância da Moleka 100 Vergonha como Quadrilha Junina na Representação do Estado da Paraíba**

A Junina Moleka 100 Vergonha, possui um corpo administrativo que de início era formado pelos seus fundadores, Erick Cristovam (Presidente), Jecimar Rodrigo e Itamar Santos (Coreógrafos). Em 2003, o irmão de Erick Cristovam, o Mahatma Gandhi, tomou a frente da Quadrilha, no qual permanece até hoje. Ressaltando que desde a sua fundação, o mesmo já ajudava o seu irmão, filmando as suas apresentações e o ajudando nos bastidores.

Atualmente, a administração da Moleka é regida por um estatuto, enquanto, associação, com composição de um corpo administrativo gerenciado e fiscalizado. Possuindo

um Presidente, Mahatma Gandhi, uma Tesoureira, Lorena Costa, esposa do presidente e a Noiva da Quadrilha, e também, Nuancy do Vale, o Coreógrafo.

O grupo folclórico está engajado nos dias atuais na criação de um projeto a ser enviado para a Lei Rouanet, principal mecanismo de fomento à Cultura do Brasil. A Lei 8.313/91, conhecida como Lei Rouanet, institui o PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura (ROUANET, 1991). E o seu nome remete a seu criador, o Diplomata Sérgio Paulo Rouanet. Para cumprir este objetivo, a lei estabelece as normativas de como o Governo Federal deve disponibilizar recursos para a realização de projetos artístico-culturais. A Lei foi concebida originalmente com três mecanismos: o FNC - Fundo Nacional da Cultura, o Incentivo Fiscal e o FicarT - Fundo de Investimento Cultural e Artístico (ROUANET, 1991).

A Junina Moleka é responsável por representar a Paraíba em diversos concursos de Quadrilhas Juninas, com isso, a mesma é responsável por integrar um conjunto de normas e regras, regulamentos esses, que fazem parte da logística dos concursos. Mediante esses parâmetros, tais regras devem ser seguidas.

A primeira apresentação anual que a Junina participa, é o Concurso Campinense de Quadrilhas Juninas, na Pirâmide do Parque do Povo, no Maior São João do Mundo, dando ênfase à estreia oficial da Moleka 100 Vergonha no “Arraiá”. No ano de 2019, o Festival estará completando o seu 20º aniversário. Que é responsável em levar as suas três primeiras colocadas a prosseguir em busca do título de melhor Quadrilha da Paraíba.

Ao todo, 12 Quadrilhas de Campina Grande-PB correm em busca do título do Festival Campinense, que tem como principal entidade organizadora, a AQUAJU, Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande e Região, que promove o evento da etapa Campinense como também a etapa Agreste. Além do concurso que escolhe a melhor Quadrilha, a AQUAJU promove o Festival das Estrelas, que tem como objetivo, coroar os melhores destaques de suas respectivas Quadrilhas, nos quesitos: melhor casal de noivos, melhor rainha, como também o melhor casal junino.

A grande novidade no ano 2018 foi à escolha da Rainha da Diversidade, título esse, destinado ao público LGBT. Essas escolhas são formadas por um júri de cinco integrantes, julgadores dos seguintes requisitos: coreografia, figurino, desenvoltura e simpatia, os vencedores de cada categoria são homenageados e condecorados na *Festa dos Melhores do Ano* que ocorre no mês de julho. Tendo o Patrocínio da Prefeitura Municipal de Campina Grande e o apoio da Cadeia Produtiva de Eventos, SEBRAE, Ministério da Cultura, Secretaria de Desenvolvimento Econômico e da Federação das Entidades de Quadrilhas Juninas da Paraíba, a FEQUAJUNE-PB.

A FEQUAJUNE-PB (2018) tem por objetivo difundir os Festejos Juninos do Nordeste, resgatar e cooperar na manutenção das Quadrilhas Juninas da Região que adotam as mesmas como patrimônio cultural. Além de continuar promovendo a mais autêntica manifestação cultural do povo nordestino. Aquece a economia, oferecendo a população opções de entretenimento através de seus eventos no período junino. Sendo a responsável por comandar o Paraíba Junino, que é o Concurso de Quadrilhas Juninas da Paraíba, que em 2019, promoverá a sua XVIII edição, na Cidade de Santa Rita/PB.

As Quadrilhas campeãs de todo o Estado da Paraíba, se encontram para eleger as representantes paraibanas nos concursos regionais. As campeãs de cada etapa disputam uma com as outras em um total de 28 Quadrilhas Juninas em busca do título paraibano, dívidas como representantes da Etapa Santa Rita, Etapa Vale dos Dinossauros, Etapa Agreste/CG, Etapa Vale do Paraíba, Etapa João Pessoa, Etapa Campinense, Etapa Brejo, Etapa Sapé Zona da Mata, Etapa Vale das Espinharas e a Etapa Bayeux.

Esse festival é promovido em quatro dias de concurso e a Quadrilha Campeã Paraibana segue na disputa representando o Estado no Concurso de Quadrilhas Juninas da Globo Nordeste, o Nordestão da Rede Globo, como também o *Campeonato Brasileiro de Quadrilhas Juninas*, o Brasileirão. Já a Segunda colocada do concurso, representa a Paraíba no Festival da UNEJ, *União Nordestina de Entidades Juninas*.

O Nordestão da Rede Globo reúne as principais Quadrilhas de toda a Região Nordeste, ao todo, 10 Quadrilhas disputam o título do regional para a escolha da melhor Quadrilha do Nordeste, sendo nove representantes, uma de cada Estado, mais uma do Estado Sede. A Globo é a principal realizadora do evento, por isso o mesmo recebe o seu nome, e é visto como um dos principais concursos de Quadrilha Junina do país. A edição de 2018 entregou a Campeã, Junina Lumiar, do Estado do Pernambuco, um cheque no valor de R\$ 12 mil, evento este ocorrido na cidade de Goiana/PE.

O Concurso promovido pela União Nordestina de Entidades Juninas, o Nordestão da UNEJ, segue o mesmo parâmetro do regional da Rede Globo, ambas elegem as suas campeãs e escolhe sempre uma cidade para ser a sede do evento, em 2018, o Concurso da UNEJ ocorreu em Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, e a Quadrilha Campeã foi a Capelinho do Forró, da Bahia, na sua XVI edição. Em 2019, a cidade de Santa Rita-PB, sediará a XVII edição.

O Campeonato Brasileiro de Quadrilhas Juninas é o maior concurso do gênero no Brasil. A edição de 2019, ocorrerá em Brasília-DF, no encontro das melhores Quadrilhas Juninas do país. Concurso esse, promovido pela CONAQJ (Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas). Mesmo com o intuito de reunir cada representante de seus respectivos

estados, o mesmo não consegue, pois cada Quadrilha precisa se custear, e em muitos casos, o gasto de locomoção é muito alto, intervindo a sua participação no evento, deixando vários Estados por muitas vezes, fora da competição.

Os pré-requisitos para uma Quadrilha Junina ganhar concursos como esses, estão baseados em etapas distintas, os jurados avaliam módulo por módulo, como a entrada e saída do arraial, animação, harmonia, figurino, marcador, repertório, casamento matuto e o tema. A Moleka 100 Vergonha, procura sempre se renovar e reinventar-se, o trabalho envolve reuniões entre a equipe da coordenação e os quadrilheiros, com o objetivo de relatar as informações pertinentes sobre a temática daquele respectivo ano, como a dança será desenvolvida, os ensaios e coreografias, evolução, alinhamento e sincronia, escolha das músicas e vestimentas, e o envolvimento dos familiares dos brincantes.

A Quadrilha Moleka traz em sua logomarca, seus principais títulos conquistados no decorrer de sua existência, representados por meio de estrelas, em que cada uma delas, representa um concurso distinto, em escalas e proporções no que diz respeito ao grau do conceito de cada festival (Figura 18).

Figura 18: Logomarca da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2018.

Os títulos conquistados pela Moleka fazem ênfase a toda uma logística de trabalhos e estudos na composição de temas e enredos, para a evolução de um novo espetáculo, que a cada ano tende a ser mais inovador e marcante. O intuito da mesma não é só competir, mais sim, transmitir uma mensagem para seus espectadores, mostrar que um grupo cultural também tem um papel significativo na sociedade, podendo transmitir por meio de um espetáculo, uma crítica, uma mensagem de prosperidade, amor, humanidade, entre vários meios de tocar aquele cidadão que está ali para usufruir do momento. Desta forma, segue uma representação

(Tabela 1), dos títulos conquistados pela Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, nos principais Festivais por ela conquistados.

Tabela 1: Principais títulos da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha

<b>Principais Festivais</b>	<b>Ano dos Títulos</b>	<b>Temas e Enredos Desenvolvidos</b>
	2006	Rio São Francisco
	2007	Da senzala ao salão, a pisada é uma só, no batuque do forró, é xangô, é São João
	2010	Casamento de Rosinha
Festival Campinense	2011	Crenças e Crençices, em que você acredita?
	2012	Moleka é fogo
	2014	Sol e chuva, casamento de viúva
	2017	Ilu Ayê
	2018	O voto
	2008	Canudos
	2011	Crenças e Crençices, em que você acredita?
Paraíba Junino	2012	Moleka é fogo
	2013	As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá
	2014	Sol e chuva, casamento de viúva
	2015	A Moleka é o Nordeste e os 7 Pecados Capitais
	2016	Não te Assombres
Nordestão da Rede Globo	2013	As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá
	2015	A Moleka é o Nordeste e os 7 Pecados Capitais
Nordestão da UNEJ	2017	Ilu Ayê
Concurso Brasileiro	2015	A Moleka é o Nordeste e os 7 Pecados Capitais

Fonte: Márcio Rogério dos Santos Pereira. Arquivo Pessoal, 2019.

Pode dizer que desde o ano de 2006 a 2018 a Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha vem ganhando e recebendo títulos em festivais, desde o paraibano, nordestino até mesmo brasileiro, efeito de um grande grupo folclórico, considerando pioneiro na estrutura, logística, performance, relevância sociocultural e transformações verificadas em múltiplos aspectos de um grupo que surgiu timidamente passando para uma instância estilizada, pelos seguintes festivais: Festival Campinense, Paraíba Junino, Nordestão da Rede Globo e Concurso Brasileiro.

O estudo destes fatores no âmbito interno da Quadrilha não deixou fugir a importância da cultura popular, desde a transição da quadrilha tradicional para quadrilha estilizada. Nos

últimos anos, esse grupo vem sempre se apresentando com temáticas que é desenvolvida de acordo com os acontecimentos culturais, históricos, geográficos, políticos entre outros.

### **3.3 Dinâmicas Culturais da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha na Perspectiva dos Quadrilheiros**

A Junina Moleka costuma planejar suas próximas apresentações sempre ao término de cada temporada, em meados do mês de agosto, a sempre um levantamento pelo corpo diretório, para expor os prós e os contras do respectivo espetáculo, a partir daí, começa-se a especulação de uma possível narrativa para a escolha do novo enredo, onde todos os integrantes recebem livre acesso para expor suas ideias e com isso, fazer com que o tema seja amadurecido e a temática seja escolhida pela direção da Quadrilha.

Com a escolha do tema definitivo, a administração se reunir e começa a montar toda a estrutura do espetáculo, que vai dos detalhes do figurino, as músicas escolhidas, a narrativa de como a história será contada e coreografia, seguindo sempre uma linha de preparação, a Quadrilha nunca para seu ritmo para o próximo espetáculo.

Destrinchar o tema de maneira compreensível e que entre no contexto junino, por muitas vezes se torna difícil, pois existe toda uma dinâmica no que será apresentado que possibilite a compreensão do que a apresentação quer mostrar para os seus espectadores, e as reuniões constantes são primordiais para unirem ideias e desenvolver de maneira planejada o que será apresentado.

O tempo estimado de apresentação é de no máximo 25 minutos, que são distribuídos em média, 19 minutos para as coreografias e 6 minutos para o corpo teatral, destrinchando o enredo por meio da entrada, casamento matuto e desfecho. Lembrando que todo esse processo é de longo prazo, sofrendo alterações no decorrer dos meses, de acordo como vai se encaixando melhor essas ideias.

Todo esse processo gira em torno de três a quatro meses, e ao concluir a temática vencedora, a Junina guarda em segredo o tema entre o corpo administrativo, que só será apresentado mais à frente, para todos os quadrilheiros e comunidade em geral, em um mega evento promovido na sede da Moleka 100 Vergonha. A apresentação do tema é o quesito mais aguardado por todos, até porque as outras Quadrilhas também ficam na expectativa do que a “Junina Rival” vai trazer para o arraial no respectivo ano. E quanto mais tempo a Junina guarda o segredo do enredo, mas gera ansiedade nos quadrilheiros.

A Moleka, por exemplo, gera expectativas tão altas, que até quadrilheiros de outros estados ficam na torcida e expectativa para descobrir a temática nova. Desta forma, a *Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha*, sempre prepara uma festa de lançamento do tema,

que reúne brincantes, convidados, imprensa e curiosos, em sua sede, no Bairro das Malvinas, Campina Grande-PB. Festa essa que também serve de estratégia para arrecadação de fundos, já que é uma festa privada, com entrada em um valor simbólico, para ajudar nos custeios da própria Quadrilha, como também outros eventos festivos com o mesmo propósito.

É na sede da Quadrilha, que também ocorre os ensaios juninos. A mesma começou a ser construída em meados de 2010, obtendo sua conclusão em 2011, mais ainda precisando de alguns ajustes. A sede é dividida em um salão para os ensaios, *WC's* masculino e feminino, escritório e também uma cozinha que serve como ponto de vendas de alimentos para os próprios integrantes, cujo valor arrecadado, gira em prol da *Junina*, tudo isso distribuídos nas seguintes dimensões, 18 metros de largura por 22 metros de comprimento. Possuindo um telhado de estrutura metálica e piso de Granilite (Figura 19).

Figura 19: Construção da sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2010.

Os quadrilheiros começam os seus ensaios em meados do mês de dezembro, a partir do pré-aquecimento, que se estende até meados de janeiro-fevereiro, de acordo com o lançamento do tema. O pré-aquecimento é destinado aos brincantes a se encontrarem no mundo junino depois de certo período de intervalo. As músicas e coreografias nesses ensaios são aleatórias, e não segue nenhum padrão de enredo, porém são bastante interativos, já que os mesmos acabam sendo temático como a “Noite Neon”, “Black e White”, “Caipira”, entre outros, levando os integrantes a usarem sua criatividade, e se vestirem para o ensaio de acordo com a temática proposta. Os ensaios geralmente acontecem aos sábados de 19 horas às 22 horas, e domingos de 17 horas às 21 horas (Figura 20).

Figura 20: Ensaios na sede da Quadrilha



Fonte: Márcio Rogério dos Santos Pereira. Arquivo Pessoal, 2019.

Próximo ao mês de junho, os ensaios começam a ser mais rigorosos, e acabam ganhando mais dias na semana, geralmente às quintas e sextas, com horários a partir de 22 horas, já que muitos trabalham nos períodos diurnos e noturnos e vão chegando à sede de acordo com os seus horários. O término do horário dos ensaios na semana varia de acordo com a evolução do grupo no determinado dia.

Os membros da Moleka 100 Vergonha, exercem várias funções no seu dia a dia, desta forma, os ensaios variam de acordo com a melhor disponibilidade de todos. Com um corpo de integrantes em estimativa de 40 a 48 casais por temporada, com faixa etária a partir dos 15 anos de idade, ultrapassando as fronteiras do próprio bairro, que atraem quadrilheiros de bairros vizinhos, cidades e até mesmo, de outros Estados.

Geralmente, esse gosto pela cultura junina, já vem de berço, está no sangue, como grande parte dos integrantes tem ou já teve, membros da família compondo a mesma. Desta forma, de geração em geração, a Moleka é vista como uma representatividade local, seu bairro a relata com orgulho, já que a mesma é essencial no resgate dos jovens das ruas, ou de estarem praticando atividades irregulares. A Quadrilha acaba sendo uma referência, e move toda uma comunidade para a geração de bons frutos e cidadãos melhores.

A partir do momento que os encontros deixam de serem ensaios de aquecimento, passam realmente para uma estrutura artística, de espetáculo, a Junina Moleka, já começa a apresentar um tom mais sério. E cobra de seus integrantes o mesmo, além de compromisso e dedicação com a mesma. É nesse momento, que todos os quadrilheiros membros, se unem para montar um verdadeiro show para aquele determinado ano.

Até o próprio ensaio já começa a ser diferente, os integrantes já começam a usar a camisa tema da Quadrilha daquele ano, as músicas já são produzidas pelo o grupo de forró da própria Quadrilha, que acompanha a Junina no decorrer de seus concursos, se é apresentado

coreografias novas, estrutura física, implementação do corpo teatral, e produção em massa dos adereços que vão compor toda a narrativa do espetáculo.

Com um mês antes dos festejos juninos, o mês de maio é destinado ao pré-junino da Moleka 100 Vergonha, que ocorre na Pirâmide do Parque do Povo, e reúne várias Quadrilhas Juninas do Estado, evento esse, além de servir de arrecadação com a venda de comidas e bebidas para a própria Junina, serve também para apresentar um pouco do que será o espetáculo do seguinte ano, porém de maneira superficial, já que tudo só é apresentado em sua primeira apresentação oficial, no Festival Campinense de Quadrilhas Juninas.

O pré-junino da Moleka é um encontro que reúne várias Quadrilhas Juninas, e elas se apresentam ao seu convite, finalizando com a apresentação da anfitriã, um encontro que reúne quadrilheiros e adeptos da cultura popular nordestina, respectivamente, adeptos do São João e das Quadrilhas Juninas. No que diz respeito aos seus bastidores, os brincantes costumam pôr a mão na massa desde cedo, pois os mesmos são responsáveis em custear seu próprio figurino, que gira em torno de 400 a 500 reais o masculino, e 1.000 a 1.800 reais o feminino. Desta forma, em junção com a coordenação da Quadrilha, os membros preparam rifas e bingos para poderem arcar com os gastos de suas roupas.

Para o respectivo espetáculo, existe toda uma logística de elaboração e desenvolvimento. Para isso, os preparativos de apresentação ficam por conta de todos os membros, os amigos e voluntários. Em um total de quase 200 pessoas envolvidas, distribuídas em dançarinos, atores, coordenação, músicos e produção. Todos ajudam na confecção dos materiais que servirão de cenários, decoração, enfeites, sonorização, entre outros.

O Grupo de Forró que compõe a Moleka 100 Vergonha é composto por quinze membros, com a missão de reproduzir toda a sonoplastia das apresentações ao vivo. Para os ensaios, os quadrilheiros utilizam-se da gravação em CD, produto esse, desenvolvido em estúdio montado pelos próprios membros, com as canções escolhidas da respectiva temática, para que os integrantes possam usar no decorrer dos ensaios coreográficos.

As seleções dessas canções estão distribuídas de acordo com o enredo que será apresentado, como por exemplo, o enredo desenvolvido para 2017, Ilu Ayê, com seleção de músicas voltadas para os negros e suas características marcantes e históricas como podemos ver na letra da canção “Zumbi, rei de Palmares e herói do Brasil. A história que não foi contada”, dos compositores Carlos Ortiz, Cláudia Nel, Alberto Capital e Mestre Augusto. Música essa, que foi samba-enredo em 2003, da Gremiação Recreativa Escola de Samba Caprichosos de Pilares, famosa por seus desfiles no Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro/RJ. Servindo como inspiração da temática desenvolvida pela Junina naquele ano.

O bloco junino compõem a sequência de músicas voltado às características juninas, as mesmas têm a função de resgatar e caracterizar através das canções os traços das Quadrilhas de raiz, sem perder a essência da Quadrilha Estilizada, para a Quadrilha Tradicional. O xaxado, também tem sua expressividade forte na Quadrilha, responsável por apresentar o cangaço junino, essa dança foi difundida como uma representação de batalha pelos cangaceiros de Lampião, que faziam de suas armas, as damas, e dançavam para lamentar as mortes dos companheiros e enaltecer suas vitórias, sempre em fila indiana. O cangaço é um dos momentos mais aguardados pelo público (Figura 21).

Figura 21: Cangaço da Moleka 100 Vergonha



Fonte: Emanuel Tadeu. Arquivo Pessoal, 2015.

Como toda quadrilha estilizada, muitas delas possuem seu próprio hino, música essa que é marcada como o coração da Quadrilha. Com a Moleka não é diferente, a canção “Fomos feitos pra dançar”, caiu tanto na graça do povo, que virou até bordão da Junina, e hoje faz parte de sua marca nas divulgações de marketing. A letra foi composta por Hélio Avlis, o sanfoneiro da *Junina Moleka*, escrita em meados de 2015, e sempre cantada por onde a mesma passa em suas apresentações. Observa-se a letra da música abaixo de composição de Hélio Avlis (2015):

*Fomos feitos pra dançar  
É a Moleka que eu amo,  
É a Moleka que canta,  
Alegre e faz emocionar, e ama dançar!  
Vem viver essa emoção,  
Que é amar e dançar,  
No “tum tum tum” do seu coração,  
Porque nós “fomos feitos pra dançar”  
Tem Moleka no “arraiá” eu vou!  
No balanço da dança da Moleka minha gente,  
Eu não consigo mais parar,  
Porque nós “fomos feitos pra dançar”  
Ah, ah*

*Ah, ah*  
*Porque nós “fomos feitos pra dançar”*

As inovações tecnológicas que são utilizadas para efeitos especiais e estrutura cinematográfica já fazem parte dos seus espetáculos. Uma equipe composta por profissionais fazem das estruturas de metal, o diferencial nas alegorias da *Junina*. Alguns dos principais elementos utilizados são bombas de gás de CO<sub>2</sub> e talhas elétricas que sobem motores, em forma de elevadores, criando efeitos diversos e ângulos diferentes.

Essas inovações são responsáveis por na maioria das vezes, exaltar os destaques, como os noivos, a rainha, o cangaço, ou até mesmo um ato crucial do enredo. Tornando-se uma ferramenta essencial para destrinchar as alegorias que fazem parte da apresentação. Levando ao espectador, mais uma informação diferenciada que só vem a completar ainda mais a encenação (Figura 22). E para que todo esse show seja integrado no arraial, uma das maneiras de valorização da cultura e do patrimônio artístico, os patrocinadores são fundamentais para a finalização logística de um mega evento como esses.

Figura 22: Rainha é erguida por um elevador criado pela equipe da Quadrilha



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2014.

A Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, em nome do Maior São João do Mundo, é a principal parceira das Quadrilhas Juninas da cidade, as Quadrilhas que fazem parte do Festival Campinense de Quadrilhas Juninas, recebem como apoio, um valor de R\$ 12 mil cada, além da prefeitura, várias empresas de renome, custeiam as mesmas com valores simbólicos em prol da realização do espetáculo, os principais patrocinadores da Moleka são, o Partage Shopping, o Bilhetão, a UEPB, entre outros, esses valores variam de R\$ 5 a R\$ 10 mil reais. Cada espetáculo anual da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, é de uma estimativa de R\$ 150 mil.

### 3.4 Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha de caráter profissionalizante

Por meio do estudo que envolve a temática desta monografia, o foco da pesquisa baseia-se, em um grupo folclórico, especificamente, um grupo de Quadrilha Junina, a qual possui um papel importante na profissionalização dos seus integrantes e membros. Partindo desse pressuposto, a *Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha*, da Cidade de Campina Grande-PB, passa a integrar uma conduta de manifestação cultural, por meio da necessidade de desenvolver mecanismos capazes de difundir a dança como meio profissionalizante.

As Quadrilhas Juninas exercem a função de um parâmetro social, capaz de difundir e valorizar os seus membros, como os principais precursores do saber criar e inovar por meio de técnicas artesanais. A Junina Moleka, prover de necessidades capazes de exercer um papel fundamental na valorização e capacitação dos seus envolvidos.

A mesma estimula os seus membros, a se profissionalizar através de estímulos devidos da própria Quadrilha, pois o grupo folclórico usa-se de artefatos artesanais para elaboração do seu espetáculo. Sendo assim, os profissionais envolvidos na Junina, são seus próprios membros, que se qualificaram e hoje são precursores de seus dons artísticos, na construção do seu próprio capital.

Essas técnicas que são elaboradas em uma conjuntura artesanal, remetem a esses integrantes o dom e a capacidade de se reinventarem, tais técnicas os tornam artesãos do próprio destino, e a junção desses valores a partir do modo de produção autônoma em dar ênfase a um produto cultural e simbólico, faz com que Bourdieu (1996, p.162) retrata esse fenômeno como um valor cultural e mercantil, ao dizer que:

Esse universo relativamente autônomo [...] dá lugar a uma economia às avessas, em lógica específica, na natureza mesma dos bens simbólicos, realidades de dupla face, mercadorias e significações – cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes.

Desta forma, fica claro perceber que os profissionais que exercem funções artesanais, são meramente precursores do inventar. Suas produções únicas e independentes possuem mais valor simbólico, do que econômico, pois os mesmos trabalham e produzem em uma contextualidade voltada às características culturais, ressaltando a importância desses produtos no mercado em que ele está sendo inserido.

Abaixo, segue os relatos de alguns profissionais que estão envolvidos nos bastidores e produção técnica da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha. Profissionais esses, que exercem funções em seu dia a dia, compatíveis ou não, com suas funcionalidades em torno da Quadrilha Junina. Os relatos buscam a compreensão das funcionalidades dos profissionais

envolvidos, como também, a importância de exercer determinada função em um grupo folclórico, e como isso impacta na sua vida pessoal e profissional.

A principal função do figurinista de um grupo folclórico é de criar e inventar um produto que seja compatível com a temática desenvolvida para o espetáculo do respectivo ano. Ivandro Romão, figurinista da Junina, entrou para o grupo como dançarino em 2007, sendo o mesmo, o atual noivo da Quadrilha. Porém, desde 2004, ele é o responsável em desenvolver o figurino da Moleka (Figura 23). Desta forma, em sua fala, o mesmo descreve todo o processo de elaboração e criação dessas vestimentas:

O processo de elaboração do figurino é o seguinte, primeiro a gente procura um tema, depois vamos atrás dos tecidos, vemos as ideias, e surge o primeiro croqui, para adaptar a proposta do tema, assim sucessivamente para eu poder montar a primeira peça e ver se está de acordo com o que a gente quer (FIGURINISTA – 27 de abril de 2019).

Figura 23: Croqui da vestimenta masculina e feminina do ano de 2017



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2017.

Ivandro, desenha peças de roupas mesmo antes da Quadrilha Junina, mais foi através do grupo folclórico, que o mesmo começou a se envolver no mercado junino, exercendo a função de figurinista, não só da Moleka 100 Vergonha, mas também, em outros grupos juninos.

A Moleka me faz alcançar altos patamares, me proporcionando o conhecimento em desenhar para outras Juninas, de outros lugares, exercendo também outras funções. Não só daqui, mas do Brasil inteiro, Bahia, Pernambuco, Tocantins, e assim sucessivamente. [...] e em remuneração eu trabalho na Moleka por amor próprio, pelo amor a essa cultura, e no mercado junino sou bem remunerado, recebo muito, pelo patamar de poder desenhar (FIGURINISTA – 27 de abril de 2019).

A partir do momento que o croqui está pronto e aprovado pela direção, o próximo passo é encaminhá-lo aos costureiros responsáveis pela criação de cada peça. Ao todo, seis costureiros trabalham para a Junina Moleka, divididos na confecção das peças femininas e masculinas (Figura 24).

Figura 24: Designer artesanal nos detalhes das vestimentas



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2014.

Entre os profissionais envolvidos na confecção da vestimenta, Etialis Nascimento é costureiro há dez anos, e colabora com a Moleka 100 Vergonha, há cinco anos. No ano de 2015, o mesmo entrou na Quadrilha como componente. A elaboração do vestuário é produzida com meses de antecedência, já que as roupas são todas feitas artesanalmente, e possui além de detalhes, uma quantidade significativa de peças a serem confeccionadas, como diz o entrevistado:

O processo de criação do figurino começa seis meses antes. Aí a gente trabalha uma peça piloto, sendo aprovada essa peça, começa a confecção para a Junina no geral. Começamos esse processo de confecção de três a dois meses antes do São João e são confeccionadas, dependendo da peça, de duas a três peças por dia. Nesse período como um todo, são confeccionadas, mais de cem peças, pois tem peças que você leva o dia todo para montar, como por exemplo, as saias, que são bem mais trabalhadas. A produção da vestimenta tanto feminina como masculina, começa na retirada das medidas, é feita a modelagem, que segue para os tecidos dando início a essas confecções (COSTUREIRO – 27 de abril de 2019).

O mesmo também enfatiza a questão financeira, pois exercendo a função de costureiro, ele relata sobre a renda extra que consegue obter nesse período pré-junino:

O período junino é um período que a procura é grande, e aumenta bastante as produções no ateliê. Havendo o aumento financeiro comparado aos meses anteriores, nesse período junino. Então é uma forma da gente trabalhar mais um pouco e aumentar a nossa renda (COSTUREIRO – 27 de abril de 2019).

O calçado é outro ponto principal para o designer do figurino de uma Quadrilha Junina. Os calçados dos componentes da Junina Moleka são produzidos pelo Ateliê Álvaro Almeida, que está a quase vinte anos no mercado de calçados. Tendo como especialização, os calçados juninos. Pela grande influência de seus calçados no meio, o proprietário do ateliê que leva o seu nome, hoje produz calçados para diversas Quadrilhas Juninas, não só de Campina Grande-PB, mas também, de todas as partes do Brasil.

Com a vestimenta e calçados finalizados, o próximo passo está na elaboração da estética, o cabelo, a maquiagem e os adereços, para finalizar a produção de um quadrilheiro.

O penteado das damas segue um padrão estético, com o figurino, com estilo padronizado entre todos os membros, o mesmo se ressalta na maquiagem. No espetáculo de 2017, por exemplo, todas as integrantes, usaram mega hair, para fazer a ilusão de um padrão estético, o mesmo penteado, e o mesmo tipo de cabelo.

O então cabeleireiro Geyson Falcão, colabora com a Quadrilha há dois anos, e deixa claro em suas palavras, como se dar todo o preço de preparação: “o penteado varia com o figurino da Quadrilha, e a gente faz tudo de acordo com o tema para ficar uma característica uniforme”. Enfatizando seu papel como colaborador e quais retornos o mesmo consegue trazer para sua vida, exercendo essa profissão:

A Quadrilha Moleka 100 Vergonha tem uma visibilidade muito grande, então me proporciona outras oportunidades, de outros grupos, para eu fazer outros penteados em outras Quadrilhas também. Aderindo os trabalhos desses grupos, de fazer a elaboração de penteados, tendo uma remuneração muito grande, porém para a Moleka eu faço por amor, porque gosto da Quadrilha. (CABELEIREIRO – 27 de abril de 2019).

Essa logística também se aplica aos responsáveis na elaboração da maquiagem, que vai da maquiagem dos dançarinos à maquiagem do corpo teatral. Entre vários colaboradores e membros da Quadrilha para ajudar nessa função, a pesquisa faz relevância na fala de Anderson Militão, que faz parte do grupo folclórico há quatro anos, e servirá de exemplo aos demais que cumprem o mesmo papel na Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha (Figura 25).

Figura 25: Maquiagem do corpo teatral em 2014



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2014.

Em sua fala, Anderson destaca a importância e a precisão de ser um maquiador de uma Quadrilha Junina:

O processo de elaboração da maquiagem é bem minucioso, a estética das meninas e meninos são feitas de acordo com a temática do ano vigente. Nós nos sentamos e decidimos de acordo com o figurino, a temática e o enredo do espetáculo. (MAQUIADOR – 27 de abril de 2019).

Ressaltando os benefícios gerados pela sua colaboração:

O trabalho com a Moleka 100 Vergonha é voluntário, até mesmo por participar do elenco. Porque além de maquiador, profissional da beleza, também sou brincante da Junina, fazendo parte do corpo de balé da Quadrilha e a Moleka 100 Vergonha sempre abriu portas para nós profissionais também em outros âmbitos. Desta forma outras Juninas nos procuram, por ser uma Quadrilha muito conhecida, e de nome, nos procuram para elaborar determinados serviços, como maquiagem e estética, possuindo uma remuneração sempre muito boa, que sempre é muito bem vinda. (MAQUIADOR – 27 de abril de 2019).

Com toda uma característica montada de seus quadrilheiros, outras funções e profissionais também estão envolvidos na elaboração do espetáculo. A música ao vivo, as coreografias, o balé e o corpo teatral, trazem para as suas apresentações, sincronia e harmonia com a temática proposta. A evolução de uma Quadrilha Junina está derivada da composição de vários itens, a música e a dança fazem parte dessa sincronia. E a junção desses elementos com a temática oferecida, almeja os resultados esperados.

O coreógrafo Nuancy do Vale é o profissional responsável em criar a evolução da Junina Moleka. O mesmo faz parte da Quadrilha há dezesseis anos, e a frente do corpo coreográfico, há cinco anos. Em sua fala, ele destaca o processo da evolução dos paços de dança de acordo com a temática prevista para aquele ano.

Para se fazer as coreografias, a gente primeiro escolhe as músicas relacionadas ao tema a partir da pesquisa temática, e com a escolhas das tais músicas, eu crio as coreografias de cada ano. Lembrando que sou coreógrafo há cinco anos, mais antes eu já era coreógrafo adjunto há quase 11 anos. Então antes de mim, tinha outro coreógrafo, e eu era o auxiliar dele (COREÓGRAFO – 28 de abril de 2019).

Por exercer uma função bem significativa na Quadrilha, o coreógrafo relata na entrevista a dimensão de seu papel, e o quanto ele é valorizado exercendo essa profissão derivada de um grupo junino.

Como a Quadrilha tem uma grande visibilidade fora, e o antigo coreógrafo não podia sair de suas funções e exercer esse tipo de trabalho fora da Junina, então eu acabei cumprindo essa tarefa, e como auxiliar, acabei sendo bem remunerado por exercer esse trabalho. Atualmente, como coreógrafo oficial da Junina Moleka, meu trabalho é de extrema exclusividade para com a mesma. (COREÓGRAFO – 28 de abril de 2019).

E a partir das músicas escolhidas pelos membros da própria Quadrilha, e já com as evoluções criadas pelo coreógrafo, o grupo musical da Junina Moleka 100 Vergonha, se faz responsável em embalar essas canções, em suas apresentações ao vivo. Uma equipe é formada por profissionais do ramo musical, composto por quinze membros, divididos entre cantores e instrumentistas, que juntos aos demais componentes, fazem parte do corpo de integrantes da Quadrilha (Figura 26).

Figura 26: Grupo Musical da Junina Moleka



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2017.

O músico Douglas Macedo, membro do grupo musical da Junina Moleka, irá representar os demais membros, servindo como exemplo no caso de estudo do trabalho, relatando suas experiências no seu envolvimento na Quadrilha, onde o mesmo se faz integrante desde o ano de 2002.

Em 2007, a Moleka começou a investir no Regional 100sacional, que é um evento da Quadrilha. E nos ensaios da banda eu sempre estava presente, e como brincadeira eu comecei a fazer vocal. Hoje estou na parte da diretoria da banda, desta forma, o processo de elaboração das músicas vai de acordo com a temática, nós pesquisamos as letras na internet, de artistas renomados ou não, mas que se encaixem dentro do contexto que a Moleka vai apresentar dentro do ano vigente. A logística do envolvimento da banda com a Quadrilha é por meio das apresentações, a banda toca ao vivo, e nos ensaios, ela toca junto a Quadrilha a partir do mês de Maio, porém, antes disso, a gente faz uma gravação das músicas no estúdio, e a Quadrilha fica ensaiando com essas gravações (MÚSICO – 28 de abril de 2019).

Desta forma, o entrevistado é o único da banda que não possui remuneração, já que o mesmo exerce a função por diversão e por compor a diretoria do grupo. Ao contrário dos demais membros, que recebe por temporada, R\$ 15 mil, o conjunto como um todo.

Atuar e dançar é marca registrada de seus componentes, já que para um grupo junino, esses pré requisitos, fazem parte de toda sua logística, e exercer essas funções, seja atuando como dançando, também os tornam profissionais do ramo cultural. A componente Rílvavia Sousa, atual Rainha da Moleka, faz parte do grupo desde o ano de 2009, e representando os demais quadrilheiros, irá deixar seu registro de fazer parte do balé da Quadrilha.

Meu papel esse ano, não é só de dançarina, mais também, de ser rainha, pelo meu primeiro ano, e está sendo um ano incrível e maravilhoso. Com relação a eu ser formada em Educação Física, por trabalhar, de ser uma instrutora de dança, isso me ajudou bastante, porque a visibilidade que a Junina tem, não só dentro da Paraíba, mas fora. Ela acaba atraindo os olhares e por várias e várias vezes eu fui convidada para, participar de eventos e de festas. Isso abriu diversas portas para mim, e graças a Deus as coisas vêm dando certo (DANÇARINA – 28 de abril de 2019).

Para atuar na Junina, é preciso também a exigência por parte de seus brincantes, os mesmos estão sujeitos a retratar uma história no arraial. No entanto, os próprios componentes são preparados para tais encenações. Os tornando capazes de exercer funções derivada das artes cênicas por meio de uma manifestação cultural. Incorporando papéis e dando vida ao espetáculo (Figuras 27 e 28).

Figura 27: Corpo teatral da Junina Moleka



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2011.

Figura 28: Alegoria cinematográfica de uma procissão



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2010.

E para completar toda a logística do espetáculo junino. As alegorias e adereços usados pelos quadrilheiros em suas performances estão nas mãos de dois profissionais, os marceneiros e eletricitas. Alberto Cordeiro é responsável pela marcenaria da Junina Moleka, exercendo sua profissão no grupo a seis anos, desta forma, ele transcreve seu papel como sendo importante, pois o mesmo:

Se dar por um conjunto de pessoas, coordenação e pessoas especializadas, que pega o tema, trabalha em cima dele, e logo após, passa o projeto para minha pessoa, pra gente colocar em prática. Que são os adereços que vão ser usados nas apresentações. A montagem de estrutura física da Moleka 100 Vergonha, proporciona uma visibilidade enorme, porque ela é vista em todo o Brasil, e principalmente aqui no Nordeste, então o meu trabalho, é elevado ao máximo, por ter como referencia a

Moleka 100 Vergonha. Sobre o quesito remuneração, é de grande valia mesmo, você é bem recompensado, é tanto que estou a seis anos prestando meus serviços a essa Quadrilha (MARCENEIRO – 28 de abril de 2019).

Júnior Andrade complementa descrevendo, sua função de eletricista (Figura 29), na Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha:

Sou o eletricista da Quadrilha, entrei em 2012, há seis anos, para colaborar com o movimento. O processo da parte elétrica depende muito do evento, o que ele irá oferecer de estrutura pra gente. Daí pode-se elaborar um trabalho com segurança, porque é uma estrutura completamente diferente das habituais. A forma de montagem da estrutura elétrica me proporcionou uma visibilidade maior no mercado. Por poder até trabalhar fora do Estado, por fazer um trabalho diferenciado, me proporcionando essa visibilidade maior. A remuneração do meu trabalho é de grande valia no mundo junino porque engrandece o movimento, o espetáculo. Se você tem um eletricista que pode colocar uma luz no final da Quadrilha, no começo da Quadrilha, isso só vai engrandecer o evento, engrandecer o espetáculo como um todo (ELETRICISTA – 29 de abril de 2019).

Figura 29: Ajustes em equipamentos elétricos



Fonte: Acervo da Junina Moleka, 2019.

Perante toda essa logística, envolvendo um número significativo de profissionais de todas as áreas, as Quadrilhas Juninas Estilizadas, exercem em seus bastidores, uma profissionalização. O espetáculo e elaboração estrutural desse mega evento, remete a um trabalho cultural que exerce múltiplas funções. Perante esses relatos, pode-se analisar que toda a transformação vindoura de algum tipo de manifestação representa para os envolvidos, não só brincadeiras e alegrias, mais uma maneira de se profissionalizar, e tirar de um grupo folclórico, oportunidades que as levem ao mercado de trabalho.

A quadrilha como manifestação popular, além de intervir na vida pessoal e profissional de seus membros, a mesma também exerce uma função de identidade, capaz de executar naquele cidadão, resquícios de valores que só quem abraça a cultura, sente o quanto ela tem poder de executar o amor pelo o que está fazendo, ao mesmo tempo em que está sendo reconhecido pelo seu potencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ápice da manifestação cultural na Região Nordeste, está interligado a cultura de seu povo, como a música e a dança, ambos possuem um papel de expressividade na mensagem que querem produzir. A Quadrilha Junina veio como forma de junção desse papel junto às comemorações aos Santos Juninos. Com a chegada da globalização, os grupos folclóricos passaram a exercer uma função significativa, desta forma, houve a formação de um contexto influenciador que transformou a cultura das mesmas.

Essas transformações se fazem importante no ato de como um grupo junino, pode ter expressividade como principal responsável na construção de alternativas viáveis para sua colaboração perante a sociedade. O modo de espetáculo que envolve as Quadrilhas Juninas atualmente as torna capazes de influenciar a formação de um determinado indivíduo, isso se faz pela compreensão e a dinâmica da Quadrilha e como suas transformações socioeconômicas os transformam em empregabilidade dos envolvidos, por meio da cadeia produtiva da espetacularização.

O então meio de brincar e fazer parte desse show proporciona mecanismos capazes de fazer como o próprio quadrilheiro, um elemento da construção do saber, e com isso, o torna capaz de evoluir e se beneficiar desses conceitos e poder então praticar o que foi aprendido na mesma, com a concepção de profissional.

O conceito funcional que a Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha apresenta, por ser a principal responsável pelo caso de estudo, remete-se a uma logística desenvolvida em longo prazo, a evolução que a transcreveu durante quase duas décadas é capaz de criar nos seus membros, profissionais capazes de intervir no meio em que eles estão inseridos. Com uma logística artística voltada ao espetáculo, os envolvidos são considerados elementos evolutivos, e a Quadrilha como um todo, se materializa como um fenômeno industrial, capaz de desenvolver inúmeras funcionalidades por meio de seus shows e apresentações.

Perante esse conceito vivido pela Junina Moleka, conclui-se que tanto os quadrilheiros, como o próprio grupo folclórico de Quadrilha Junina, são os principais influenciadores na composição desse mercado junino voltado aos meios de produção. Os festivais voltados a concursos e competições fazem com que a Quadrilha Estilizada se capacite, e desenvolva em si, mecanismos capazes de exercer um papel profissional, pois a mesma precisa buscar esses mecanismos para desenvoltura e logística da Quadrilha, já que é necessária a renovação por sua parte, para se fazer presente no mercado proposto.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO DA QUADRILHA JUNINA MOLEKA 100 VERGONHA. *Ajustes em Equipamentos Elétricos*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Alegoria Cinematográfica de uma Procissão*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Alguns de seus Principais Troféus*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Banner da Junina no ano de 2010*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Casal de Noivos*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Construção da Sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Corpo Teatral da Junina Moleka*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Croqui da Vestimenta Masculina e Feminina do ano de 2017*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Designer Artesanal nos Detalhes das Vestimentas*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Grupo Musical da Junina Moleka*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Logomarca da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Maquiagem do Corpo Teatral em 2014*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Rainha é erguida por um elevador criado pela equipe da Quadrilha*. Campina Grande-PB: Sede da Moleka 100 Vergonha, 2014.
- ALVES, Bruna de Fátima; ALVES, Dayana de Fátima. Geografia Cultural: da sua gênese ao contexto das contribuições atuais. *Anais*. 4ª Semana do Servidor e 5ª Semana Acadêmica—UFU 30 anos. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- ASSESSORIA DE IMPRENSA. *Não Te Assombres*. Arquivo Pessoal, S/D.
- AVLIS, Hélio. *Fomos Feitos Para Dançar*. Campina Grande-PB: 2015.
- BARRETO, José Ricardo Paes; PEREIRA, Margarida Maria de Souza. Festejos Juninos: uma tradição nordestina. Recife: Nova Presença, 2002.
- BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades. In: *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, nº. 23, p. 7-18, Jan./Jun. de 2008.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

\_\_\_\_\_. *Literatura oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: como entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Volta do Cultural na Geografia/ Paul Claval*. Mercator – Revista de Geografia da UF, ano 01, número 01, 2002.

\_\_\_\_\_. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento de Abordagem Cultural na Geografia/ Paul Claval. In: CORRÊA, L. R. ROSENDAHL, Z. (org). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Geografia Cultural*. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4 ed. rev. – Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

CODECOM. *Apresentação da Junina Moleka em 2011*. Arquivo Pessoal, S/D.

\_\_\_\_\_. *Junina Moleka 100 Vergonha, apresentação de 2012*. Arquivo Pessoal, S/D.

CORDEIRO, Cléa. *Memorial do Maior São João do Mundo*. Arquivo Pessoal, S/D.

CORRÊA, Lobato, Roberto. *Sobre a Geografia Cultural/ Roberto Lobato Corrêa*. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.

COSGROVE, Denis Edmund. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 92 – 123.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FERREIRA, Luiz Felipe. O Lugar Festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, v. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.

FERRETTI, Sergio F. Cultura e Religião Popular em Gramsci e Religiões Afro-Brasileiras. In: REILY, Suzel A & DOULA, Sheila M. (Org.) *Do Folclore à Cultura Popular. Anais do Encontro de Pesquisadores em Ciências Sociais*. São Paulo, Codac/ Dep. Antropologia / USP, p. 48, 1990.

FEQUAJUNE-PB. *Quem somos?*. Campina Grande, 30 Maio de 2018. Facebook: Federação das Entidades de Quadrilhas Juninas da Paraíba. Disponível em: <https://www.facebook.com/FEQUAJUNEPB/>. Acesso em: 03 abr. 2019.

GODELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. 8 ed. São Paulo: Bookman, 2002.

GUEDES, Ivan Claudio. *Método Fenomenológico: a fenomenologia de HUSSERL*. Disponível: <http://www.icguedes.pro.br/metodo-fenomenologia/>. Acesso: 06/05/2019.

GULLAR, Ferreira. Cultura Popular. In: FÁVERO, Osmar. *Cultura Popular educação popular memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em :<<https://www.ibge.gov.br/>>Acesso em: 10/03/2019.

INGRDS, ANGÉLICA. População e Manifestações Culturais no Espaço Urbano: discutindo a diversidade sociocultural e o conflito urbano no Brasil. *WEBARTIGOS*. Disponível: <https://www.webartigos.com/artigos/populacao-e-manifestacoes-culturais-no-espaco-urbano-discutindo-a-diversidade-sociocultural-e-o-conflito-urbano-no-brasil/119911>. Acesso: 14/11/2018.

JORDAN-BYCHKOV, TERRY, G.; DOMOSH, Mona; ROWNTREE, Lester (1994). *The Human Mosaic: a thematic introduction to cultural geography*. ISBN 978-0-06-500731-2. New York: HarperCollinsCollegePublishers, 1994.

MELO, Rafael. *Enredo sol e chuva, casamento de viúva, em 2014*. Arquivo Pessoal, S/D.

MIGUEL, Agnaldo; SILVA, Francinete. Especial Malvinas 24 Anos de Lutas e Conquistas. Campina Grande, mar 2007. *Encarte Jornalístico Realizado Pela Prefeitura de Campina Grande em Comemoração ao Aniversário das Malvinas*. População de Malvinas - Campina Grande/ PB.

MINISTÉRIO DO TURISMO / EMBRATUR. Instituto Brasileiro do Turismo. *Estatísticas Básicas do Turismo*. Brasília, 2018.

MONTEJANO, Jordi Montaner. *Estrutura do Mercado Turístico*. 2 ed. São Paulo: Roca, 2001.

MORIGI, Valdir José. José. *Imagens Recortadas, Tradições Reinventadas: as narrativas da festa junina de Campina Grande – Paraíba. Tese (Doutorado em Sociologia)*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2001.

PACHÊCO, Tássia Maria. *Quadrilha Junina Estilizada*. Arquivo Pessoal, S/D.

PEREIRA, Márcio R. dos Santos. *Localização da Sede da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha no Bairro das Malvinas no Município de Campina Grande-PB*. Arquivo Pessoal.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. *Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história*. São Paulo: Casa do Editor, 2002.

RANGEL, Taiguara. *Junina Moleka no Parque do Povo em 2013*. Arquivo Pessoal, S/D.

RIBEIRO, Carla Josyenne Schultes. *Quadrilhas Juninas: Entre a apropriação da cultura nordestina e a construção da identidade tocantinense*. 2013. 100f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, 2013.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da Cultura no Espaço. Geografia Cultural: Passado e Futuro* Rio de Janeiro. Ed. UERJ 1999.

ROUANET. *Lei de Incentivo à Cultura*. Disponível em: <http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/>. Acesso em: 03 abr. 2019.

ROUNAET, Sérgio Paulo. As Duas Vias da Mundialização. *Folha de São Paulo*. P.14, 30-06-2000. (Cadernos Rurais).

SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado*. São Paulo: Editora Hucitec. P. 110, 1988.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (1925).

SILVA JUNIOR, Jorge Cardoso da. *Quadrilha Junina Tradicional*. Arquivo Pessoal, S/D.

TADEU, Emanuel. *Cangaço da Moleka 100 Vergonha*. Arquivo Pessoal, S/D.

\_\_\_\_\_. *Moleka é Campeã Brasileira pela primeira vez*. Arquivo Pessoal, S/D.

TORRES, Gabryella. *Ilu Ayê enredo de 2017*. Arquivo Pessoal, S/D.

\_\_\_\_\_. *Junina Moleka no Concurso de Quadrilhas Juninas de Campina Grande/PB*. Arquivo Pessoal, S/D.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. *A Abordagem Cultural na Geografia*. *Temporis(ação) (UEG)*, v.1, p. 253, 2008. Disponível: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/28/45>>. Acesso: 19/10/ 2018.

APÊNDICE 01 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO 1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, .....

Aqui assino e autorizo **Márcio Rogério dos Santos Pereira**, estudante do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar-se das informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, como também, o uso de imagens que fazem parte do acervo da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha, ou até mesmo de imagens registradas pelo mesmo, no trabalho que tem como título:

.....

....., que está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.).....

Campina Grande, ..... de ..... de 20\_\_\_\_\_ .

---

**Assinatura do Diretor da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha**

---

**Assinatura do Pesquisador Responsável**

## APÊNDICE 02 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO 2



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, \_\_\_\_\_,  
entendo especificamente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como,  
estou ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, na pesquisa  
intitulada \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_. Eu **AUTORIZO**, por meio deste termo, O PESQUISADOR: Márcio Rogério dos Santos Pereira a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a minha pessoa.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição da minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, livros, congressos, entre outros eventos desta natureza.

Campina Grande, ..... de ..... de 20\_\_\_\_\_ .

---

**Assinatura do Participante da Pesquisa**

---

**Assinatura do Pesquisador Responsável**

## APÊNDICE 03 – ENTREVISTAS

**Entrevistado:**

**Função: Músico**

### Questionário

- 1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha?
- 2-Como se dar o processo da elaboração da escolha das músicas para atender à temática envolvida no espetáculo da Junina Moleka 100 Vergonha?
- 3-Como é feita a logística do envolvimento da Banda de Forró com a Quadrilha por meio das canções ao vivo ou por meio de gravações?
- 4-A função da Banda junto a Junina Moleka já lhe proporcionou visibilidade maior no mercado de trabalho por exercer essa função?
- 5-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

**Entrevistado:**

**Função: Eletricista**

### Questionário

- 1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha?
- 2-Como se dar o processo da elaboração da estrutura elétrica que irá fazer parte do espetáculo cinematográfico da Junina Moleka 100 Vergonha?
- 3-A função de montagem da estrutura elétrica da Junina Moleka já lhe proporcionou visibilidade maior no mercado de trabalho por exercer essa função?
- 4-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

**Entrevistado:**

**Função: Marceneiro**

### Questionário

- 1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadrilha Junina Moleka 100 Vergonha?
- 2-Como se dar o processo da elaboração da estrutura física que irá fazer parte do espetáculo cinematográfico da Junina Moleka 100 Vergonha?
- 3-A função de montagem da estrutura física da Junina Moleka já lhe proporcionou visibilidade maior no mercado de trabalho por exercer essa função?
- 4-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

**Entrevistado:**

**Função: Ator ou Atriz**

### Questionário

- 1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadrilha Junina Moleka 100

Vergonha?

2-Qual seu papel como ator ou atriz na Junina Moleka 100 Vergonha?

3-A função de fazer parte do corpo teatral da Junina Moleka já lhe proporcionou outras oportunidades no mercado de trabalho por exercer essa função?

4-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

**Entrevistado:**

**Função: Dançarino (a)**

**Questionário**

1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadriha Junina Moleka 100 Vergonha?

2-Qual seu papel como dançarino (a) na Junina Moleka 100 Vergonha?

3-A função de fazer parte do corpo coreógrafo da Junina Moleka já lhe proporcionou outras oportunidades no mercado de trabalho por exercer essa função?

**Entrevistado:**

**Função: Cabeleireiro (a)**

**Questionário**

1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadriha Junina Moleka 100 Vergonha?

2-Como se dar o processo da elaboração dos penteados e a junção do mesmo com a temática proposta?

3-A função de criar toda a fisionomia estética dos penteados dos membros da Junina Moleka já lhe proporcionou outras oportunidades no mercado de trabalho por exercer essa função?

4-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

**Entrevistado:**

**Função: Maquiador (a)**

**Questionário**

1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadriha Junina Moleka 100 Vergonha?

2-Como se dar o processo da elaboração da maquiagem e a junção da mesma com a temática proposta?

3-A função de criar toda a fisionomia estética dos membros da Junina Moleka já lhe proporcionou outras oportunidades no mercado de trabalho por exercer essa função?

4-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

---

**Entrevistado:**

**Função: Figurinista**

**Questionário**

1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadriha Junina Moleka 100 Vergonha?

2-Como se dar o processo da elaboração das vestimentas e a junção das mesmas com a temática proposta?

3-A função de criar o designer do figurino da Junina Moleka já lhe proporcionou outras oportunidades no mercado de trabalho por exercer essa função?

4-No que diz respeito a sua função na Quadriha. A Junina Moleka é a principal responsável pela sua atuação profissional hoje?

5-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

---

**Entrevistado:**

**Função: Coreógrafo**

**Questionário**

1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadriha Junina Moleka 100 Vergonha?

2-Como se dar o processo da elaboração das coreografias e a junção das mesmas com a música?

3-A função de coreografar a Junina Moleka já lhe proporcionou outras oportunidades no mercado de trabalho por exercer essa função?

4-No que diz respeito a sua função na Quadriha. A Junina Moleka é a principal responsável pela sua atuação profissional hoje?

5-No quesito remuneração, o seu trabalho é de grande valia para o mercado junino até q ponto?

---

**Entrevistado:**

**Função: Costureiro (a)**

**Questionário**

1-Há quanto tempo colabora com o trabalho da Quadriha Junina Moleka 100 Vergonha?

2-Com quantos meses de antecedência você começa a confeccionar as vestimentas para a Junina?

3-Quantas peças você confecciona durante esse período de trabalho e quanto tempo você gasta para confeccionar uma peça?

4-Como se dar o processo da confecção da vestimenta feminina e a masculina?

5-Na geração de renda existe um aumento financeiro para o seu trabalho no período junino comparado há outros meses?